*No dia 2 de abril de 1910 reencarnava na Terra um espírito missionário, Chico Xavier.*

*Sua missão foi espalhar amor, exemplificar os ensinamentos de Jesus e despertar a humanidade para as Leis Imutáveis da Vida Eterna.*

*Doou sua vida por amor ao próximo, psicografou mais de 400 livros e milhares de cartas confortadoras. Todos os direitos autorais dos livros foram doados a inúmeras Instituições de Caridade que alimentam o corpo e alma dos irmãos em necessidade.*

*A você, eterno amigo Chico, nosso amado Patrono, dedicamos todo o nosso amor e gratidão.*

# CAJADOS PROTETORES

## QUESTÕES DOUTRINÁRIAS
## À LUZ DO ESPIRITISMO

Jorge Hessen

2014

Data da publicação: 04 de outubro de 2012

CAPA: Irmãos W.
REVISÃO: Irmãos W.
PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com
São Paulo/Capital
Brasil

## Dedicatórias

Conhecem-se os legítimos idealistas pelas coesas opiniões que enunciam e Jorge Hessen representa um aguerrido escritor espírita da atualidade. Através dos seus estudos e pesquisas tem o contribuído para a divulgação dos mandamentos do Cristo sob a perspectiva espírita, confortando os homens que ignoram a verdadeira finalidade da presente reencarnação.

(Irmãos W.)

## Explicação preliminar

Jorge Hessen, escritor espírita, analisa temas da atualidade tendo como objetivo a difusão da Doutrina Espírita, destacando na medida do possível os ditames da reencarnação e da imortalidade da alma.

Seus artigos sugerem melhor entendimento da vida imortal e devem ser apreciados por pessoas que não se contentam com superficialidade da vida regida pela tirania do materialismo.

*

“Conforme nos advertem os benfeitores Espirituais, não podemos viver tão-somente de inteligência, necessitamos de amor para sobreviver a todas as calamidades necessárias ao processo evolutivo em que estamos envolvidos na Terra”.

Jorge Hessen "O Combativo Escritor Espírita"

*

Fontes da consulta
A Luz na Mente » Revista on line de Artigos Espíritas
http://jorgehessen.net/

E.mail de contacto do autor
jorgehessen@gmail.com

# Índice

Apresentação do Autor
Prefácio **/ 08**
Jesus foi com toda pujança o mestre por excelência **/ 10**
Jesus, nascido há 2015 anos, foi crucificado aos 38 anos de idade **/ 13**
Fidedignidade Kardequiana **/ 20**
Doutrina dos Espíritos sem Jesus não faz sentido **/ 28**
O pensamento espírita é o alicerce para a transformação social **/ 31**
São chegados os tempos? **/ 35**
O vício ante as garras insaciáveis do parasitismo espiritual **/ 41**
As muitas faces da obsessão **/ 43**
Ante o suicídio – algumas considerações espíritas **/ 46**
O aborto é uma prática hedionda desde o Código de Hamurabi **/ 51**
Autoestima e auto superação ante a lei da reencarnação **/ 55**
Reflexões históricas e as defecções do Cristianismo sem Jesus **/ 58**
Reflexões necessárias sobre práticas mediúnicas **/ 71**
Não existe desobsessão sem base de renovação moral **/ 75**
Breves reflexões sobre as catástrofes naturais em Santa Catarina **/ 79**
Entrevista concedida ao centro espírita Joana D`Arc **/ 83**
Mortes antecipadas **/ 94**
Suicídio - Um mergulho no escuro sobre um precipício de brasas **/ 99**
Legítima família se perpetua no infinito, através dos laços imperecíveis do espírito **/ 103**
A poligamia na visão espírita **/ 108**

## Apresentação do autor

Jorge Luiz Hessen nasceu no antigo Estado da Guanabara, atual Rio Janeiro, no dia 18 de agosto de 1951. Vive a vida inerente àqueles que vieram ao mundo a fim de despertar para um projeto mais alto, acima dos prazeres da Terra. Teve uma infância pobre, de pais separados, com mais dois irmãos. Na juventude teve seu primeiro contato com fatos da mediunidade através de uma incorporação de seu irmão mais novo. Ficou impressionado, pois sabia que o irmão seria incapaz de dissimular um fenômeno de tal magnitude. Aquele episódio o levaria, mais tarde, a chegar às portas dos princípios codificados por Allan Kardec.

Aos 20 anos de idade ingressou, por concurso, no serviço público, onde até hoje permanece. Foi durante 5 anos diretor do INMETRO no Estado de Mato Grosso. Executou serviços profissionais junto à Universidade de Brasília, durante 4 anos, na condição de coordenador de provas práticas de concursos públicos realizados pelo CESP.

Consorciou-se com Maria Eleusa aos 26 anos de idade. É pai de quatro filhos, sendo uma das filhas (a mais velha) portadora de lesão cerebral. Na maturidade da vida teve oportunidade de fazer cursos superiores. Possui a Licenciatura de História e Geografia pelo UniCEUB (Centro Universitário de Brasília).

Sua vida espírita nesses mais de 30 anos de Doutrina perfez conteúdos de muitas faculdades. Participou da fundação de alguns centros espíritas em Brasília e Cuiabá-MT, onde teve publicado, em 1991, o livro "Praeiro - Peregrino da Terra do Pantanal". Começou seu trabalho de divulgação ainda jovem em todo DF. Engajou como articulista espírita, tornando-se sólido esse fato em Cuiabá, quando publicava "Luz na Mente", um periódico que veio satisfazer o seu ideal na Divulgação Espírita.

Foi redator e diretor do Jornal "União da Federação Espírita"

do DF. Vinculado a vários órgãos divulgadores da Doutrina Espírita, a exemplo de "Reformador" da FEB, "O Espírita" do DF, "O Médium" de Juiz de Fora/MG e palestrante nos mais diferentes lugares de DF, tem a oportunidade de levar a mensagem espírita às cidades próximas de Brasília, como Anápolis, Cidade Ocidental e outras.

Sua diretriz inabalável continua sendo o compromisso de fidelidade a Jesus e a Kardec.

*Maria Eleusa de Castro (esposa de Jorge Hessen)*

# Prefácio

Em a superlativa obra “A Caminho da Luz” (1), o incomparável Espírito Emmanuel esquematiza, em poucas linhas, imorredouras lições doutrinárias. Elucida o autor de “Há dois mil anos” que o século XIX desenrolava uma torrente de claridades na face do mundo, encaminhando todos os países para as reformas úteis e preciosas. As lições sagradas do Espiritismo iam ser ouvidas pela Humanidade sofredora. Jesus, na sua magnanimidade, repartiria o pão sagrado da esperança e da crença com todos os corações.

Recorda, todavia, que o mestre lionês, na sua missão de esclarecimento e consolação, fazia-se acompanhar de uma plêiade de companheiros e colaboradores, cuja ação regeneradora não se manifestaria tão somente nos problemas de ordem doutrinária, mas em todos os departamentos da atividade intelectual do século XIX. A Ciência, nessa época, desfere os voos soberanos que a conduziriam às culminâncias do século XX.

Em verdade, o progresso da arte tipográfica consegue interessar todos os núcleos de trabalho humano, fundando-se bibliotecas circulantes, revistas e jornais numerosos. A facilidade de comunicações, com o telégrafo e as vias férreas, estabelece o intercâmbio direto dos povos. A literatura enche-se de expressões notáveis e imorredouras. O laboratório afasta-se definitivamente da sacristia, intensificando as comodidades da civilização. Constrói-se a pilha de coluna, descobre-se a indução magnética, surgem o telefone e o fonógrafo. Aparecem os primeiros sulcos no campo da radiotelegrafia, encontra-se a análise espectral e a unidade das energias físicas da Natureza.

O mentor de Chico Xavier demonstra que a teoria atômica e a fisiologia assenta bases definitivas com a anatomia comparada. As artes atestam uma vida nova. A pintura e a música denunciam elevado sabor de espiritualidade avançada.

A dádiva celestial do intercâmbio entre o mundo visível e o invisível chegou ao planeta nessa onda de claridades inexprimíveis. Consolador da Humanidade, segundo as promessas do Cristo, o Espiritismo vinha esclarecer os homens, preparando-lhes o coração para o perfeito aproveitamento de tantas riquezas do Céu.

Para o magnânimo Emmanuel , o Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo neste século de declives da sua História; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos. No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a linfa cristalina das verdades consoladoras do Céu, preparando-se as almas para a nova era. São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus últimos triunfos é bem o penhor de uma reação temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu império perecível.

Convidando-nos a trabalhar por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto das consciências. Todo é dos chamados ao grande labor e o nosso mais sublime dever é responder aos apelos do Escolhido. Até porque, revendo os quadros da História do mundo, sentimos um frio cortante neste crepúsculo doloroso da civilização ocidental. Lembremos a misericórdia do Pai e façamos as nossas preces. A noite não tarda e, no bojo de suas sombras compactas, não nos esqueçamos de Jesus, cuja misericórdia infinita, como sempre, será a claridade imortal da alvorada futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção. Conclui Emmanuel.

São Paulo, 04 de outubro de 2012
Irmãos W. e Jorge Hessen

Referência bibliográfica:

(1) Xavier, Francisco Cândido. A Caminho da Luz, cap. XXIII e XXV, RJ: Ed FEB 1987.

## Jesus, o Mestre por Excelência

### Jesus foi com toda pujança o mestre por excelência

Entre todos os temas sobre os quais tenho escrito, os mais fascinantes são aqueles em que discorro sobre Jesus. Ele que é a mais elevada expressão humana e a mais mencionada da História. O Mestre foi, é e sempre será, inspiração para os majestosos arranjos literários e sobretudo para obras de arte (música, pintura, teatro, escultura, poesia). Mesmo assim, nenhum vocábulo, fórmula poética, artística, filosófica ou qualquer louvor em Sua memória conseguirá traduzir o que Ele representa para cada um de nós.

Ele é a avenida, a veracidade e a existência. Nenhuma pessoa irá ao Criador, senão por Ele. Todos os milhares de volumes dos mais variados livros ditos sagrados Jesus resumiu em uma única citação, que abrange toda a sabedoria e cultura terrestres – amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

O seu desempenho foi o de colossal fanal, fulgurando nossas estradas e mostrando a todos como poderemos obter a felicidade. Foi um Educador por excelência, tanto que foi o único adjetivo que teve o seu apoio, o de Mestre. É verdade! Jesus jamais aceitou qualquer outra qualificação, e o único título que admitiu foi o de ser chamado de Mestre.

Verdadeiramente, Jesus foi com toda a pujança o Mestre por excelência.

Translúcido como um cristal era o Seu caráter – e, no entanto, Ele continua sendo o maior enigma de todos os séculos. Para alguns religiosos, é entronado como uma divindade. O motivo pelo qual alguns consideram Jesus um Semideus, é a sua colossal elevação espiritual. Diante Dele, todos ficamos muito pequeninos, ressaltando-se as nossas deficiências e inferioridades. Perante o Mestre, somos tão nanicos que ele nos parece ser uma Divindade. Daí a confusão de alguns religiosos.

Um dos mandamentos inesquecíveis de Jesus está contido no Sermão da Montanha. Nessa belíssima lauda, avaliada por Mahatma Gandhi como a mais pura essência do cristianismo, a ponto de o Iluminado da Índia pronunciar que se um cataclismo extinguisse toda a sabedoria humana, com todos os seus livros e bibliotecas, se restasse apenas o Sermão da Montanha, as gerações futuras teriam nele toda a beleza e sabedoria necessárias para a vida.

Jesus é o redentor, o consolador, o diretor planetário, o Profeta, o Mestre. Não adulava os poderosos e não oprimia os excluídos sociais. Não repudiava "madalenas" nem apedrejava “adúlteras” – mas lançava os penitentes verbos de perdão. Por servir ao próximo, com modéstia, sem agressões e arrogâncias, Ele foi tido como insensato e rebelde violador da lei e inimigo da população, sendo escolhido por essa mesma turba para receber com a cruz o glorioso laurel de acúleos. Mas o sacrifício Dele não deve ser apreciado tão somente pela dolorida demonstração do Calvário.

A coroa e a cruz representaram o desfecho da obra do Mestre, mas o sacrifício na sua exemplificação se constatou em todos os dias da sua passagem pela Terra. Anunciando as bem-aventuranças à população no monte, não a desvia para a brutalidade, a fim de assaltar o celeiro dos outros. Multiplica,

Ele mesmo, o pão que a reconforta e alimenta. Não alicia o povo a reclamações. Recomenda acatamento aos patrimônios da direção política, na circunspecta expressão "a César o que é de César". Evidenciando as apreensões que o vestiam, diante da renovação do mundo íntimo, não se regozijou em assentar-se no trono dos gabinetes, de onde os generais e os legisladores costumam ditar ordens.

Desceu, Ele próprio, ao seio do povo e entendeu-se pessoalmente com os velhos e os doentes, com as mulheres e as crianças. A Sua lição fulge como um Sol sem crepúsculo, conduzindo a Humanidade ao Porto da paz! Para a maioria dos teólogos, Ele é objeto de estudo, nas letras do Velho e do Novo Testamento, imprimindo novo rumo às interpretações de fé. Para os filósofos, Ele é o centro de polêmicas e cogitações infindáveis. Conquanto alguns (kardequiólogos) tentem bani-lo do movimento espírita, para nós, ESPÍRITAS, Jesus foi, é e será sempre a síntese da Ciência, da Filosofia e da Religião (tripé do edifício Espírita).

A Doutrina dos Espíritos vem colocar o Evangelho do Cristo na linguagem da razão, com explicações racionais, filosóficas e científicas. Sem abandonar o aspecto sensível da emoção que é colocado na sua expressão profunda, demonstra que o sentimento e a razão podem e devem caminhar pela mesma alameda, pois constituem as duas asas de libertação definitiva do homem.

## Jesus, nascido há 2015 anos, foi crucificado aos 38 anos de idade

O nascimento de Jesus é o episódio que, tradicionalmente, demarca o início da era cristã. Porém, em face de um erro de cálculo, cometido no século 6 d.C., pela Igreja, as datas não coincidem. Sabe-se, atualmente, que Jesus nasceu antes do ano 1, provavelmente, entre 6 e 5 a.C. Pode-se afirmar isso, com razoável segurança, graças à narrativa muito precisa do Evangelho de Lucas. Segundo o evangelista, o fato aconteceu na época do recenseamento, ordenado pelo imperador romano César Augusto. Esse censo, o primeiro realizado na Palestina, tinha por objetivo regularizar a cobrança de impostos. Os historiadores estão de acordo em situar tal fato político no período que vai de 8 a 5 a.C.

O Papa João Paulo II declarou, numa ocasião, que Jesus não nasceu no ano 1, pois a data correta do natalício do Mestre, ainda, era desconhecida, conforme informa a Revista Veja, de janeiro de 1987. (1) Curiosamente, a enciclopédia O Mundo do Saber, Editora Delta-Volume I, (2) registra: Jesus nasceu em Belém-Judéia, em 4 a.C. Ante muitas controvérsias sobre a questão, colhemos informes no seio da própria Igreja, quando, no século VI (525 a D.), o sacerdote Dionísio, fanático por matemática, recebendo a incumbência para "descobrir" a data exata do nascimento do Cristo, fixou-a no ano 754, do calendário romano, (3) e que foi aceita pela cúpula da Igreja Católica. Mas, o clérigo Dionísio começou a pesquisa partindo de uma premissa equivocada, pois, manteve como referência o batismo do Mestre, ocorrido no 15º ano do governo do Imperador Tibério César (4) e tinha absoluta convicção (à época) de que o imperador romano iniciou o governo no ano 14; a conclusão foi "lógica", 14+15=29, onde tentou buscar confirmação no Novo Testamento, quando Lucas, no Capítulo

III, versículo 23, registra ter sido Jesus batizado com 29 anos de idade (!!?...).

Outro fato histórico relevante, é que Tibério César governava o Império desde o ano 9 d. C.; logo, o equívoco do padre matemático subtraiu, de 4 a 5 anos, da história cristã, cronologicamente regida pelo calendário gregoriano. (5) Aliás, erro já devidamente assumido pelo Vaticano. (6)

Existe outro fator que comprova o erro de cálculo de Dionísio: sabemos, pela tradição dos textos das escrituras, que Herodes, o Grande, quando teve notícia do nascimento do Cristo, ordenou a matança de todas as crianças nascidas, nos dois últimos anos, em Belém e cercanias da Judéia. Na ocasião, Maria e José, pais de Jesus, refugiaram-se em outro país (Egito). Ora, a História se encarrega de registrar que Herodes morreu, exatamente, no ano que nasceu Jesus (mesmo ano da ordem do infanticídio generalizado), logo, pelos dados que possuímos, considerando-se o calendário de Roma, e se Jesus era, de fato, um recém-nascido à época da matança, atualmente estaríamos em 2015.

Na obra Sabedoria do Evangelho, afirma-se que Jesus teria, ao menos, 38 anos ao ser crucificado. Outros autores concordam com essa tese. O escritor John Drane coloca o nascimento de Jesus no ano 5, antes da Era Cristã. (7) O Gen. Milton Orreilly, exegeta, num artigo para a Revista Presença Espírita, de Salvador-BA, afirma que o Diácono Dionísio, o pequeno, errou ao estabelecer o início da Era Cristã. Afirma ele que o nascimento se deu no ano 747 da fundação de Roma, e a crucificação no ano 785, portanto, Ele teria 38 anos quando foi crucificado, pois, 785 - 747 = 38. (8)

Ainda, sobre o isso, compulsamos o livro Crônicas de Além Túmulo, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, psicografado por Francisco Cândido Xavier, e encontramos, no capítulo intitulado "A Ordem do Mestre", o curioso trecho: "João – disse o Mestre – lembraste do meu APARECIMENTO na Terra? Recordo-me Senhor. Foi no ANO 749 da era romana, apesar da arbitrariedade do frei Dionísio, que, calculando no século VI, da era cristã, colocou, ERRADAMENTE, o vosso natalício em 754 (...)". (9) (grifamos)

A propósito, diante dessas alusões controversas, somos também impelidos a levantar a seguinte questão: teria nascido Jesus no dia 25 de dezembro, conforme reza a tradição do Vaticano? Não encontramos nenhuma referência histórica que venha corroborar essa versão. Atualmente, os estudiosos têm como certo que o festejado NATAL substituiu uma celebração pagã – a "Saturnais", uma homenagem a Saturno (deus da agricultura pela tradição latina), (9) realizada, sempre, no "solstício de inverno", isto é: o dia mais curto do ano na região de Roma, pelo fato de o sol nascer mais tarde e se pôr mais cedo no horizonte.

Por isso, não é preciso fazer um esforço descomunal de raciocínio para entendermos a lógica de a maior festa da cristandade representar, atualmente, uma celebração, demasiadamente, comprometida com as incompatíveis ambições do mundo comercial. É o Natal comercial, com a sua mentalidade utilista, que já contaminou toda a nossa sociedade. Nada se esquece: presentes, "suaves" bebidas alcoólicas, mesas fartas, abraços festivos (nem sempre sinceros e demasiadamente convencionais), cartões de "boas festas", pagodes, esfuziantes sambinhas (pelo menos aqui nas terras do Cruzeiro do Sul), marchinhas carnavalescas, enfim, será que realmente se lembra do suposto "aniversariante"?

Como se não bastassem as contradições históricas, há, ainda, o problema da localidade do Seu nascedouro. Mateus, seguido por Lucas, afirma que Jesus nasceu em Belém – hoje, em território palestino. Essa afirmação chegou a ser contestada por alguns estudiosos contemporâneos, pois Belém era a cidade de Davi e, segundo a tradição, o Messias esperado deveria surgir entre a descendência desse antigo rei de Israel. Situar o nascimento em Belém - dizem os muitos estudiosos - era uma forma de legitimar Jesus na condição de Messias. Embora interessante esse raciocínio crítico, não se apoia em nenhuma prova convincente. Lucas, ao contrário, oferece um bom argumento a favor de Belém: José, o esposo de Maria, futura mãe de Jesus, pertencia a uma família originária daquela cidade e a regra do recenseamento exigia que cada indivíduo se alistasse em sua localidade de origem. Por isso, a maioria dos

especialistas aceita Belém sem reservas.

Obviamente, na condição de espíritas, sabemos que pouco importa os teimosos desencontros e controvérsias a respeito da data e local correto do nascimento do Cristo, até porque, o essencial, para os que se esforçam por segui-Lo, é sentir e praticar os Seus ensinamentos, e, em face disso mesmo, fazemos uma adaptação às ideias de Vinícius (pseudônimo de Pedro de Camargo), no seu artigo publicado em o Reformador, da FEB, em 1929. Ei-la:

Onde e quando nasceu Jesus?

Perguntemos para Maria de Magdala e ela nos responderá:

- Jesus nasceu em Betânia. Foi certa vez, que a sua voz, tão cheia de pureza e santidade, despertou em mim a sensação de uma vida nova com a qual, até então, jamais sonhara.

Perguntemos a Pedro e ele nos responderá:

- Jesus nasceu no pátio do palácio de Caifás, na noite em que o galo cantou pela 3ª vez, no momento em que eu o havia negado. Foi neste instante que acordou minha consciência para a verdadeira vida.

Perguntemos a João, o evangelista, e ele nos responderá:

- Jesus nasceu no dia em que meu entendimento, iluminado pela sua divina graça, me fez saber que Deus é amor. Perguntemos a Thomé, o discípulo incrédulo, e ele nos responderá:

- Jesus nasceu em Jerusalém, naquele dia memorável e inesquecível em que Ele nos pediu para tocar as suas chagas e me foi dado testemunhar que a morte não tinha poder sobre o filho de Deus. Só então compreendi o sentido de suas palavras: EU SOU O CAMINHO A VERDADE E A VIDA.

Perguntemos a Dimas, o bom ladrão, e ele nos responderá:

- Jesus nasceu no topo do calvário, precisamente, quando a cegueira e a maldade humanas pensavam aniquilá-Lo para sempre. Naquele instante Ele me dirigiu um olhar cheio de ternura e piedade, que me fez esquecer todas as misérias deste mundo e perceber as maravilhas do céu...

Perguntemos a Paulo de Tarso e ele nos responderá:

- Jesus nasceu na Estrada de Damasco, quando, envolvido por intensa luz que me deixou cego, pude ver a sua figura

nobre e serena que me perguntava: - Saulo, Saulo, por que me persegues? E, na cegueira, passei a enxergar um mundo novo quando eu lhe disse: - Senhor, o que queres que eu faça?

Perguntemos a Joana de Cusa e ela nos responderá:

- Jesus nasceu no dia em que, amarrada ao poste, no circo de Roma, eu ouvia o povo gritar: - Negue! Negue! E o soldado, com a tocha acesa dizendo: - Este teu Cristo ensinou-lhe apenas a morrer? Foi neste instante que, sentindo o fogo subir pelo meu corpo, pude, com toda clareza e sinceridade, dizer: - Não me ensinou apenas isto, Jesus me ensinou, também, a amá-Lo.

Perguntemos à mulher de Samaria e ela nos responderá:

- Jesus nasceu junto à fonte de Jacob, na tarde em que pediu-me de beber e me disse: - Mulher, eu posso te dar da água que sacia toda a sede, pois vem do amor de Deus e santifica as criaturas. Naquela tarde, soube que Jesus era, realmente, um profeta de Deus e lhe pedi: - Senhor, dá-me desta água!

Perguntemos a João Batista e ele nos responderá:

- Jesus nasceu no instante em que, chegando ao rio Jordão, pediu-me que o batizasse. E, ante a meiguice do Seu olhar e a majestade da Sua figura pude ouvir a mensagem do alto: "- Este é o meu filho amado, no qual pus a minha complacência!" E compreendi que chagara o momento Dele crescer e eu diminuir, para a glória de Deus.

Perguntemos à mulher pecadora e ela nos responderá:

- Jesus nasceu na praça pública de Cafarnaum, quando, colocada na Sua frente, Ele olhava para a multidão que reclamava o meu apedrejamento, serenamente falou "Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra. Passado algum tempo, tomou as minhas mãos, levantou-me do chão e perguntou: - Mulher, onde estão os teus juízes? Ninguém te condenou? Também Eu não te condeno. Vai e não peques mais. Saí dali, experimentando uma sensação nova no meu espírito que transformou a minha vida.

Perguntemos a Lázaro e ele nos responderá:

- Jesus nasceu em Betânia, na tarde em que visitou o meu túmulo e disse: - Lázaro, levante e venha para fora. Naquele

momento compreendi, finalmente, que Ele era a Ressurreição e a vida.

Perguntemos a Judas Iscariotes e ele nos responderá:

- Jesus nasceu no instante em que eu assistia a Seu julgamento e condenação, e as 30 moedas que recebera em pagamento, por tê-Lo entregue aos juízes, queimavam em minhas mãos. Ao devolvê-las para os sacerdotes, compreendi que Jesus estava acima de todos os tesouros terrenos e era, verdadeiramente, o Messias.

Perguntemos, finalmente, a Maria de Nazaré, onde e quando nasceu Jesus, e ela nos responderá:

- Jesus nasceu em Belém, sob as estrelas, que eram focos de luzes guiando os pastores e suas ovelhas ao berço de palha. Foi quando o segurei em meus braços pela primeira vez, que senti cumprir-se a promessa de um novo tempo, através daquele Menino que Deus enviara ao mundo, para ensinar aos homens a lei maior do amor. Agora pensemos um pouquinho: E para nós, quando e onde nasceu Jesus?

Uma vez demonstradas as evidentes contradições cronológicas acerca do nascimento de Jesus, com informações e materiais de pesquisa para os estudiosos, estamos convictos de que a nossa maior tarefa, nos naturais anseios de aprender, será, invariavelmente, aperfeiçoar nosso ser aos moldes das magnas lições do Eterno Amigo da Humanidade.

Referências bibliográficas:

(1) Revista Veja de janeiro de 1987

(2) Enciclopédia O Mundo do Saber, Editora Delta-Volume 1

(3) 2761 anos já se passaram da fundação de Roma

(4) (Luc. 3: 1 a 6)

(5) O calendário gregoriano, aceito nos nossos dias em praticamente todo o mundo, só passou a vigorar a partir de 1582, quando foi promulgado pelo Papa Gregório XIII, tendo posteriormente sido gradualmente aceite por todos os países.

(6) Tibério César sucedeu Augusto que morreu no dia 19 de agosto do 767 da fundação de Roma, 14 da nossa era, quando assumiu de fato o título de César e começou a governar.

Portanto, João começou a pregar no ano 28. O batismo de Jesus, antes da Páscoa de 29, estava com 35 anos. E na crucificação ocorrido no ano 31 da nossa era, 784 da fundação de Roma, Jesus tinha 38 anos de idade.

(7) O historiador judeu Josefo, afirma que Herodes morreu nos primeiros meses do ano 4 a. C. após um eclipse da lua, que ocorreu entre 13 e 14 de março do ano 4 a. C. Portanto, pelo calendário vigente o Rei Herodes, o infanticida, teria morrido quatro anos antes de Jesus nascer! Há muitos estudos históricos e astronômicos sobre isso.

(8) disponível no site <www.espirito.org.br/portal/cursos/amilcar/cap02.htm>acesso 12-12-08.

(9) Xavier, Francisco Cândido. Crônicas de Além Túmulo,ditado pelo Espírito Humberto de Campos, RJ: Ed. FEB, 2001, cap. A Ordem do Mestre

(9) O 25 de dezembro é obviamente uma data simbólica. Nesse dia, como vimos (Saturnais) ocorria em Roma o festival pagão do Solis Invictus (Sol Invencível). Realizado logo depois do solstício de inverno - quando o percurso aparente do Sol ocupa sua posição mais baixa no céu - o evento celebrava o triunfo do astro, que voltava a ascender no firmamento. Muito cedo, os cristãos associaram as virtudes solares a Jesus, atribuindo-lhe várias qualidades do deus Apolo. Isso aconteceu por volta do ano 330 D.C.

## Fidedignidade Kardequiana

O que caracteriza o homem, habitante da Terra há milhões de anos, é a inteligência de que é dotado. Essa inteligência complementa-se com a vontade e com a liberdade para pensar e agir. Mas o ser humano, com sua inteligência e atributos tem uma causa, uma geratriz, um Criador, que está fora de si mesmo. Essa causa primeira, a Inteligência Suprema, nos ensinos da Espiritualidade Superior, é o Criador não somente do homem, mas de tudo que existe em todo o Universo. Esses ensinos sintéticos, que se encontram na obra básica do Espiritismo, foram complementados por outros para que o homem pudesse formar ideia de si mesmo, de sua origem e de seu destino, do mundo em que vive e do Universo infinito.

As noções que a Doutrina dos Espíritos oferece do Criador e da criação - Deus, espírito e matéria - facilitam a compreensão de tudo o que existe, máxime quando esses conhecimentos básicos são complementados pela revelação das leis divinas estabelecidas para a dinâmica de tudo o que foi criado. Pelas leis naturais, ou divinas, pode a Humanidade hoje perceber que a Inteligência Suprema não só criou os dois elementos - espírito e matéria - mas regulou o funcionamento de toda a criação dentro de uma harmonia total, universal. Matéria e espírito estão ligados de tal forma que, regidos por leis perfeitas e imutáveis, podemos, hoje, perceber o sentido da vida na Terra e em outros mundos, numa. Realidade que se contrapõe ao que as religiões e as escolas filosóficas do passado e do presente têm ensinado. A Nova Revelação desvenda, assim, os grandes mistérios do passado, com os quais se depararam tanto o homem primitivo das cavernas quanto os sistemas filosóficos e religiosos de todas as épocas. Deus é a causa primária, é o Criador Divino de tudo que existe, mas é também o Legislador que estabeleceu as leis eternas para o

funcionamento de toda a sua criação, nos domínios da Natureza e da Vida.

A sabedoria dos Espíritos Reveladores procurou não definir Deus, o Criador, para evitar erros e limitações ao Ser perfeito e infinito. A linguagem e a inteligência humanas, limitadas, não têm condições de definir o que é infinito e ilimitado. São muito importantes para a Humanidade as Revelações da Espiritualidade Superior formuladas na Codificação Espírita, sob todos os seus aspectos. Mas, no que concerne às noções sobre Deus, o Criador e o Universo, as Revelações assumem excepcional importância, pela diversidade de concepções reinantes nas religiões, nas filosofias e nas ciências, mostrando que Deus não pode ser confundido com sua criação, como no panteísmo oriental; nem é um Deus antropomorfo, como nas concepções religiosas do Ocidente; ou não existe, para o materialismo multifário e o ateísmo dominantes em determinadas ciências e filosofias. As condições de vida na Terra foram elaboradas de forma tal que o homem, dispondo de livre-arbítrio, outorgado por seu Criador, chegou às mais variadas conclusões a respeito de si mesmo e de seu Deus, no decorrer dos milênios.

Entretanto, em determinado momento da vida planetária, quando a Humanidade já alcançara considerável progresso em conhecimentos científicos sobre a matéria e modificara muitos aspectos da organização social, essa evolução alcançada contrastava com suas concepções sobre seu Criador e sobre as leis divinas que regem tudo no Universo. É nesse momento histórico da Humanidade, em pleno século XIX da Era Cristã, que a Misericórdia Divina, representada pelo Governador Espiritual do Orbe, o Cristo de Deus, vem em socorro dos habitantes deste Planeta, trazendo-lhes os esclarecimentos que se transformaram em luzes iluminando causas e efeitos não percebidos até então.

A Revelação Espírita vem em socorro de todos os que já se encontram em condições de entender o Poder, a Bondade e a Misericórdia de Deus, suas múltiplas formas de manifestação por todo o Universo, inclusive em nosso mundo de expiações e provas. Essa revelação, como todas as anteriores, está à

disposição daqueles que estão em busca de conhecimentos reais, em demanda da coerência e da verdade. Entretanto, as novas revelações não obrigam nem constrangem os negadores ou os céticos a aceitá-las. Elas representam a solidariedade, o amor e a bondade do Alto aos que já fazem jus à ajuda e à compreensão. O Espiritismo não se apresenta à Humanidade como uma imposição do Superior ao Inferior. Busca, sim, abrir a mente humana ao conhecimento geral sobre a vida, sobre tudo o que existe, suas causas e manifestações. Seus postulados básicos não só explicam e aclaram os grandes problemas defrontados pelo homem como auxiliam o pensamento a evoluir sempre, não se detendo em colocações dogmáticas que cerceiam futuros desdobramentos da realidade e da verdade.

É o que ocorreu, após a Codificação formulada pelo missionário Allan Kardec, através de vasta literatura, mediúnica ou não, que se ocupou em desdobrar conceitos, definições e verdades reveladas nas obras básicas, sem lhes alterar a essência, mostrando-nos a continuação da vida nos mundos e esferas espirituais, o funcionamento perfeito das leis divinas, nas mais diferentes situações, e a confirmação da insuperável Mensagem do Cristo, sem as distorções interpretativas das diversas seitas denominadas cristãs. Além da segurança que a Doutrina Consoladora e Esclarecedora proporciona ao pensamento lógico e racional de seus seguidores sinceros, a própria Doutrina assegura que qualquer ponto mal entendido ou equivocado que as ciências e o progresso geral comprovem como tal, ela aceita a verdade comprovada ou o fato novo, antes desconhecido, já que seu compromisso é com a realidade, e esta não lhe afeta a estrutura essencial. Em decorrência desse principio, o espírita não teme o progresso das ciências, nem se preocupa com o confronto dos princípios de sua Doutrina com os ensinos de outras filosofias e religiões. A certeza da continuação da vida, após a morte do corpo físico, o contato com as realidades transcendentes, a percepção de um Deus justo e misericordioso, o conhecimento e a comprovação das vidas sucessivas e a demonstração da presença permanente das leis divinas na Natureza, nos seus

diversos reinos e em todos os bilhões de mundos do Universo, dão ao seguidor da Doutrina Espírita uma percepção diferente da vida na Terra, diante das vicissitudes e do futuro, induzindo-o a não se apegar às coisas transitórias do mundo e a valorizar tudo que diz respeito ao ser imortal que ele é - o Espírito.

Dilatando a importância da veada, a Doutrina auxilia seu adepto a aceitar os fatos afligentes e as circunstâncias dolorosas, com confiam-na e resignação. Sabendo que a morte só atinge o corpo, aceita com naturalidade o próprio decesso e o daqueles que o precederam, certo de que o reencontro é questão de tempo. Essas e outras motivações, reais e não ilusórias, influem poderosamente no crescimento espiritual e na renovação moral do ser, dando-lhe uma outra dimensão da vida, em cuja realidade se encontra imerso, para sempre. Por isso, considerando que a lei do progresso e da evolução, como norma divina, renova toda a criação, inclusive o mundo ainda atrasado em que vivemos, é lícito que se espere a regeneração deste orbe, com o predomínio dos ensinos do Cristo, em espírito e verdade, e do Consolador por Ele enviado, propiciando a substituição da mentalidade atual, oriunda de um passado de erros, por outra, calcada na realidade e na Verdade... Desde a Antiguidade clássica, na qual os gregos predominaram com suas filosofias na civilização ocidental, o campo dos conhecimentos encontra-se dividido em duas partes: numa prevalece o pensamento materialista, presente em diversas correntes filosóficas; na outra, o pensamento espiritualista embasa as religiões.

Filosofias e religiões tradicionais não conseguiram solucionar satisfatoriamente todos os problemas humanos. A Doutrina dos Espíritos, compreendendo aspectos filosóficos, científicos, morais, religiosos, educacionais e sociais veio, no momento certo, aclarar os problemas e dar-lhes soluções corretas, com a revelação de realidades desconhecidas e aproveitamento de verdades antigas, como a doutrina da reencarnação, ou das vidas sucessivas, conhecida há milênios no Oriente. A Codificação Espírita foi edificada em sólidas bases, sob os auspícios da Espiritualidade Superior. Tão firmes são seus fundamentos que, apesar do enorme avanço dos

conhecimentos científicos na segunda metade do século XIX e o século XX, não houve necessidade de ajustar a Doutrina Espírita a quaisquer verdades ou descobertas novas. Os espíritas estudiosos sabem que muitos dos ensinos doutrinários constituem-se em antevisões de realidades que só futuramente serão reconhecidas pelos diversos departamentos científicos a que se dedica o homem. Isto não significa que o Espiritismo seja obra pronta e acabada. Os próprios Espíritos Instrutores e o Codificador caracterizaram-no como doutrina evolucionista, no sentido de agregar sempre as novas verdades descobertas e comprovadas. Se há um terreno em que a lei de evolução opera com toda nitidez, este é o das revelações sucessivas. E o Espiritismo é precisamente a última fase das Manifestações Espirituais Superiores junto à Humanidade. Se há uma sucessividade de revelações do Alto, fácil será deduzir- se sua continuação no futuro.

As Revelações são suprimentos, proporcionados pela Espiritualidade Superior aos homens, a povos, raças e civilizações, para que possam perceber determinadas verdades transcendentes, as quais permaneceriam ocultas sem a intervenção superior, pela incapacidade de percepção humana em determinadas fases evolutivas. A iniciativa das Revelações parte do Alto, em função das necessidades humanas. Entretanto, nem todos os homens estão aptos a recebe- lãs e aceitá-las de imediato. Muitos se opõem a elas, por não compreendê-las devidamente, ou por contrariarem elas seus inteirices imediatos. Isto ocorreu com a Mensagem de Jesus, inovadora e retificadora de muitas coisas assentes, trazida pessoalmente pelo Mestre Incomparável. Com a Nova Revelação ocorreria o mesmo. São muitas as oposições, umas frutos da ignorância espiritual, outras resultantes de interesses contrariados e de preconceitos. Entretanto, o que não se justifica são os desvios do pensamento espírita, da sua moral fundamentada totalmente nos ensinos morais do Cristo. Tornam-se necessários um cuidado permanente, uma vigilância constante para que não se desvirtuem os princípios espíritas. Esse é um compromisso sério de todo espírita sincero e digno da Doutrina que abraçou.

Arvorados em "espíritos fortes e independentes", certas criaturas, dos dois planos da vida, imbuídas de personalismo excessivo, primam por estabelecer no Movimento Espírita a confusão, com a negação de valores consagrados, alardeando-se em árbitros do que está além e acima de seu entendimento. Falta--lhes autocrítica, apesar de converterem- se em críticos do Cristo, dos Evangelhos, dos Espíritos Instrutores, dos médiuns. Questões de ordem secundária são por esses críticos transformadas em pontos capitais, como se fossem eles os reconstrutores da Doutrina. Eis alguns exemplos das questões levantadas, sem a menor procedência, denotando desconhecimento e inconsequência, resultantes do orgulho, da vaidade e do personalismo exagerado: "Kardec está superado"; "a Doutrina precisa ser atualizada"; "a moral espírita é independente da moral cristã"; debates e criticas sobre questões perfeitamente definidas no contexto doutrinário; preocupações com aspectos sociais e políticos, sem o necessário embasamento mento na Doutrina; preocupação com a criação de termos novos, como se a adjetivação, só por si, modificasse a substância das coisas; confusão entre liberdade responsável, reconhecida pela Doutrina Espírita, com licença ampla para se dizer e fazer o que bem se entenda. Essas referências, meramente exemplificativas, dão ideia do que ocorre de negativo no Movimento Espírita, consequência do posicionamento individualista, no qual falta sempre a humildade, virtude cristã e espírita que se contrapõe ao orgulho e à vaidade.

Na vivência e na divulgação da Doutrina Espírita, o que se requer, antes de tudo, é a fidelidade aos seus princípios. Esquecem-se certos divulgadores de que sua liberdade encontra limites naturais na própria Doutrina, que não pode e não deve ser mutilada em seus princípios. Vivenciar e divulgar a Doutrina dos Espíritos requer, antes de tudo, seu conhecimento e fidelidade a ela. O divulgador espírita não pode ser, ao mesmo tempo, crítico ou inconformado com princípios corretos da Doutrina. A Codificação e os Evangelhos são valores assentes, interpretados pela Espiritualidade Superior em auxílio aos homens. Nós, espíritas de hoje e do amanhã, somos seus

aprendizes, em demanda do caminho certo referido pelo Cristo, e não reconstrutores desse caminho. Para compreender a grandeza e a beleza das Revelações Espíritas Superiores torna-se necessário evitar o preconceito, o personalismo e a precipitação, vícios humanos comuns que prejudicam e impedem o conhecimento da verdade. À LUZ DO EVANGELHO" Meus amigos:Saudando o nosso irmão presente, bem como aos demais companheiros da nossa caravana evangélica, faço-o na paz de Jesus, desejando-vos a sua luz santificadora. Nada mais útil do que o esforço de evangelização, na atualidade, e é dentro dessa afirmativa luminosa que precisamos desenvolver todos os nossos labores e pautar todos os pensamentos e atitudes. As transições terríveis e amargas do século têm sua origem na clamorosa incompreensão do exemplo do Cristo.

O trabalho secular de organização das ciências positivas caminhou a par da estagnação dos princípios religiosos. Os absurdos contidos nas afirmações e negações de hoje são o coroamento da obra geral das ciências humanas, entre as quais, despojada de quase todos os seus aspectos magníficos da Antiguidade, vive a filosofia dentro de um negativismo transcendente. E o que se evidencia, aos amargurados dias que passam, é, de um lado, a ciência que não sabe e, de outro, a religião que não pode. O nosso labor deve caracterizar-se totalmente pelo esforço de renovação das consciências e dos corações, à luz do Evangelho. Urge, pelos atos e pelos sentimentos, retirar da incompreensão e da má-fé todas as leis orgânicas do código divino, e aplicá-las à vida comum.

O vosso sacrifício e o vosso esforço executarão o trabalho regenerador, mas necessário é não vos preocupeis com os imperativos do tempo, divino patrimônio da existência do espírito. À força de exemplificação e apoiados nas vossas convicções sinceras, conseguireis elevadas realizações, que farão se transladem para as leis humanas as leis centrais e imperecíveis do Divino Mestre Esse o grande problema dos tempos. Nenhuma mensagem do mundo espiritual pode ultrapassar a lição permanente e eterna do Cristo, e a questão, sempre nova, do Espiritismo é, acima de tudo evangelizar, ainda mesmo com sacrifício de outras atividades de ordem

doutrinária. A alma humana está cansada de ciência sem sabedoria e, envenenado pelo pensamento moderno, o cérebro, nas suas funções culturais, precisa ser substituído pelo coração, pela educação do sentimento.

O Evangelho e o trabalho incessante pela renovação do homem interior devem constituir a nossa causa comum. Procuremos desenvolver nesse sentido todo o nosso esforço dentro da oficina de Ismael, e teremos encontrado, para a nossa atividade, o setor de edificação sadia e duradoura. Que Jesus abençoe os labores do nosso amigo e dos seus companheiros, que, com abnegação e renúncia, lutam pela causa do glorioso Anjo, servindo de instrumento sincero à orientação superior da sua Casa no Brasil, é a rogativa muito fervorosa do irmão e servo humilde. "Emmanuel" Psicografada no dia 13 de maio de 1938. Dirigida a Manuel Quintão, na época Vice-Presidente da Federação Espírita Brasileira, que se achava em Pedro Leopoldo em visita ao Chico. Foi publicada pelo Reformador daquele mesmo ano (p. 210) e republicada no número de maio de 1.976, da mesma revista (p. 123).

## Doutrina dos Espíritos sem Jesus não faz sentido

Mais uma vez levantamos a questão sobre o surradíssimo realejo dos que intentam banir o Cristo da Doutrina Espírita, para transformá-la - pasmem! - numa espécie de academia de "doutores antimísticos". Volto ao tema, porque tais confrades têm se colocado como vítimas da pecha de afugentadores do Mestre Maior das hostes doutrinárias. Trôpegos, cavalgam, suspirando a falácia de que peregrinam o calvário da xenofobia contra eles.

É evidente que há um estranho movimento de alguns confrades, para expulsar Jesus do Espiritismo ou, pelo menos, reduzi-lo a mera figura de segundo escalão no ideário espírita, iniciativa infeliz que esbarra na firme convicção do próprio Kardec, que o reconhece como a figura mais importante da Humanidade.

Os discípulos de Angeli Torterolli (aquele que insultou várias vezes Bezerra de Menezes no século XIX, na famigerada luta entre "místicos e científicos"), nos dias de hoje, alguns desenterram ossos e relembram-lhe o nome como uma das figuras mais expressivas (?!) e desconhecidas do movimento espírita brasileiro. Tais coveiros criticam Chico Xavier, a FEB e Emmanuel (na afirmação de que, por ter sido o Padre Manuel da Nóbrega, estava trazendo influência católica) para o Espiritismo e, - acreditem! - afirmam que o "Kardec brasileiro" era mariólatra e nunca abandonou sua simpatia pelo catolicismo.(?!)

Achincalham, até, a figura do pioneiríssimo Olympio Teles de Menezes, alcunhando-o de espiritólico, pois, que conciliava os princípios espíritas com algumas crenças católicas.

As trevas são poderosas? Claro! Atualmente, essas tropas, disfarçadas de espíritas, infiltradas no movimento doutrinário brasileiro, querem separar a parte científica, filosófica e

religiosa da Doutrina, afirmando que o Espiritismo não é religião, ou seja, estão querendo colocar Jesus como coadjuvante do projeto do Espiritismo.

As hordas das regiões densas são poderosas e se "organizam", uma vez que têm, como meta, a retirada de Jesus dos estudos espíritas. Se conseguirem retirar o Cristo da Doutrina Espírita, a casa espírita se transforma em escola de fantoches da ilusão, vira circo mesmo, vira comédia! Se abolirmos os estudos evangélicos do projeto espírita, vira negócio estranho, lembrava nosso velho Chico.

Sejamos lúcidos e francos: Sem Jesus, o Espiritismo deteriora e acaba! Fazendo coro com as sábias palavras de Chico Xavier, relembramos que o Mestre Jesus está na nossa experiência cotidiana. Tanto é verdade, que em nossas agruras e dissabores pungentes, o primeiro nome de que nos lembramos, capaz de nos proporcionar alívio e reconforto, é JESUS. (...)

No filosofismo desses obsedados, usa-se o reforço de palavras ocas, através de arranjos de definições e conceitos que sempre giram em torno de um mesmo eixo, qual rosca-sem-fim, e sem avanços efetivos. Confrades esses, encabrestados por astutos cavaleiros das brumas umbralinas, atestam que Kardec escreveu o Evangelho para apaziguar os teólogos, tentando uma aproximação com a Igreja (!) Nesse desenfreado galope de raciocínio, desrespeitam a seriedade do ínclito Druida de Lyon. Arremessam, na estribaria, o caráter ilibado de Kardec e a firmeza de suas convicções. O bom senso nos sussurra, obviamente, que os teólogos ortodoxos não ficaram satisfeitos com o terceiro livro do Pentateuco Kardeciano.

Pensam que é só isso? Não, tem mais! Então, vejamos: apregoam, esses vanguardeiros da arrogância, que é necessário atualizar e contextualizar o pensamento do Codificador. Que os centros espíritas precisam se transformar em centros de cultura espírita, sem as amarras do religiosismo decrépito e ultrapassado.

São, inequivocamente, andróides das trevas que espalham as esdrúxulas ideias: "Jesus é somente o emergir de um

arquétipo plasmado no inconsciente coletivo". Nesse arroubo de supremo reducionismo, atestam que, de tudo quanto a civilização cristã reteve de Jesus, nesses dois milênios, muito mais há de mito. Enxovalham nossas mentes com afirmativa do tipo: -"Nosso Jesus não é o mítico Governador do Planeta, aquele que vive, entre "Anjos e Tronos", na bela ficção literária de Humberto de Campos" e, ainda, regurgitam outras pérolas frasais como: -"Nosso Jesus, inteiramente homem, não evoluiu em linha reta" e, mais ainda, cacarejam: -"Jesus não criou nenhuma nova moral. Apenas interpretou, adequadamente, aquela que sempre esteve no coração do homem por todos os tempos e lugares.! Que talento, hein! Tratam, o mais supremo dos homens como um "João ninguém".

Em que pese nossas palavras mais contundentes no texto, temos a dúlcida energia para afirmar que Jesus é o Governador espiritual do planeta e de todos os espíritos que nele se encontram. Suas faculdades morais e espirituais jamais poderemos definir em nossa paupérrima linguagem humana. Ele foi a manifestação do amor de Deus, a personificação de sua bondade. Para o célebre pedagogo e gênio de Lyon, o Cristo foi "Espírito superior da ordem mais elevada, Messias, Espírito Puro, Enviado de Deus, é Diretor angélico do orbe e Síntese do amor divino". Sua lição, acima de editos e espadas, decretos e encíclicas, sobe sempre e cresce cada vez mais, na acústica profunda da audição humana, preparando os homens e a vida para a soberania do Amor Universal.

Embora seja Ele o centro de polêmicas e cogitações infindáveis, Jesus, para nós espíritas, foi, é, e sempre será a síntese da Ciência, da Filosofia e da Religião. Concretamente, a Doutrina dos Espíritos sem Jesus não faz sentido como uma Nova Ordem Espiritual para a Humanidade.

## O pensamento espírita é o alicerce para a transformação social

No transcurso dos milênios, o homem foi descobrindo fórmulas para lidar com a natureza ante os impositivos da sociedade. Dominou o fogo, adaptou a roda, inventou a pólvora, conquistou a escrita, materializou a representação artística, inventou a luz elétrica, criou o avião, aprimorou as comunicações, desenvolveu o supercondutor, construiu o computador e mais uma imensa lista de invenções e inovações que melhoram a qualidade de vida terrena. Nesse percurso, as ideias dos pensadores (1) foram ditando preceitos, alterando o formato de percepção do mundo, da vida após a morte e da noção de destino.

Pesquisadores atuais afirmam que a "trajetória humana é repleta de mudanças, justamente pelo fato de o homem ter a capacidade de guiar sua história no campo das ideias, que são agentes transformadores poderosos." (2) Realmente, o mundo é reflexo das ideias, todavia, nem sempre percebemos quais delas estão por trás de comportamentos e situações cotidianas. A rigor, o que existe são múltiplas ideias e/ou "filosofias" (3), isto é: várias concepções diferentes sobre a existência.

Na Grécia clássica, Sócrates forjou o pensamento de Platão, que influenciou a mente de Aristóteles, que foi mestre de Alexandre, "O Grande" macedônico. Decorrido um milênio e meio pós-Sócrates, o Sacerdote Tomás de Aquino retomou o trabalho de Aristóteles, adaptando-o ao Cristianismo. Séculos depois, o filósofo Descartes, arauto do "Cogito, ergo sum", debruçou nos escritos de Aquino, filosofou na matemática, sendo, hoje, considerado um dos pensadores mais importantes e influentes da História do Pensamento Ocidental. (4) A rigor, as ideias subsistem, vivem, alteram-se, adaptam-se. Elas são forjadoras de incalculáveis impactos das circunstâncias sobre as

utopias e os sonhos humanos. A maioria das pessoas, em quase todos os contextos históricos, vê o estoque acumulado dos ideários de uma civilização como legados que podem torná-las melhores.

Alguns homens realizaram façanhas que afetaram as vidas de milhares e/ou milhões de pessoas. Em certos casos, o impacto de tais influências só tem maior importância em relação àquele momento específico, e, em outros casos, o impacto transcende e se faz sentir por muitas gerações, chegando a ser decisivo em tudo o que ocorre daquele momento em diante. Os exemplos de Moisés, Jesus, Buda, Gutenberg, Lutero e Kardec, por exemplo, permanecem, ainda hoje, como paradigmas a serem seguidos pela humanidade. Já as influências de Hitler, Stálin e Mao Tsé-Tung, que, também, são lembradas, representam o destroço da liberdade e da vida de milhões de pessoas. Graças a Deus (!), os ditadores desencarnam, as armas se enferrujam, porém, ninguém pode destruir os sonhos de quem ama a liberdade.

Karl Marx asseverou que: "Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diferentes maneiras; era preciso, porém, transformá-lo." Com a publicação de O Livro dos Espíritos, em meados de Século XIX, surge a proposta de uma filosofia transformadora e, de certa forma, revolucionária, propondo nova reflexão sobre os fundamentos da existência de Deus, do Ser, do destino e da dor. O Espiritismo, portanto, inaugurou outra etapa do pensamento filosófico. É, efetivamente, um novo paradigma do conhecimento, possuindo sólido alicerce de ideias concretas, sem se tornar, no entanto, temporalizado, hermeticamente fechado, pois que acompanha o avanço das novas informações e saberes, na medida em que busca explicar a realidade através da razão, da lógica e da fé, utilizando-se de discurso científico, filosófico e religioso, que se justifica com base nos fatos.

Allan Kardec foi o maior livre-pensador do movimento de ideias progressistas e transformadoras, jungidas aos temas sociológicos, ontológicos, transcendentes e espirituais. O genial lionês percebeu o projeto doutrinário como nova visão histórica do mundo, que revolucionaria os debates filosóficos com seus

princípios e suas propostas libertárias. Urge, porém, reconhecermos que a construção mental [modo de pensar] de Kardec [o bom senso encarnado, segundo Flammarion] foi decisiva e determinante para contribuir com a nova ordem dos acontecimentos sociais posteriores ao Século XIX. O ex-druida concebeu um novo modelo de princípio filosófico, de profundas consequências éticas e morais, sem as amarras separatistas das religiões, o que faz, atualmente, da Doutrina Espírita, uma das propostas mais consistentes de transformação social jamais vistas na História.

O Codificador consultou os pensadores do além (Espíritos) sobre um universo de questões que sempre inquietaram o pensamento humano: Deus, alma, origem da vida, homem na condição de espírito imortal e pluriexistencial, morte, problemas sociais e familiares, liberdade, sofrimento, destino e felicidade, entre outros. O legado de Rivail, no entanto, impõe-nos a necessária e constante renovação íntima, e, forçosamente, uma nova mentalidade de cada "praticante espírita", sobretudo daqueles que, ainda, exercitam um Espiritismo, apenas, nos limites dos fenômenos mediúnicos nos Centros Espíritas. Outrossim, é necessária uma efetiva participação dos Espíritas nas questões sociais do país, ainda que sem a absoluta necessidade de militância de partidos políticos, até porque, para esse escopo, a nossa política é a do Evangelho e.... PONTO FINAL...!!

Allan Kardec explica que o objetivo pragmático de O Livro dos Espíritos: "é propor guiar os homens que desejam esclarecer-se, mostrando-lhes, nos estudos, um fim grandioso e sublime: o do progresso individual e social e o de lhes indicar o método que conduz a esse fim." (5)

O Codificador chama-nos a atenção para um ponto fundamental, que é o seguinte: Não podemos supor que a natureza humana possa transformar-se de imediato, por efeito das ideias espíritas. Até porque, a influência transformadora que elas exercem não é idêntica, nem do mesmo grau em todos os espíritas. Contudo, qualquer que seja o resultado dessa influência, ainda que extremamente fraca, representa, sempre, uma melhora, principalmente, no que tange a dar

prova da existência de um mundo extra-físico, o que implica a negação das doutrinas materialistas.

O Espiritismo "caminha de par com o progresso e jamais será ultrapassado, porque, se novas conquistas [científicas e filosóficas] lhe demonstrarem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificará nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.” (6).

Distantes, pois, dos conflitos ideológicos, consequentes de discussões estéreis no campo intelectual, com o objetivo de entronizar o pensamento racionalista, embasado nas "certezas" decantadas pelas ciências exatas, que teimam em se confrontar com as ciências humanas, os Pensamentos do Cristo, difundidos pela Doutrina dos Espíritos, representarão o asilo dos aflitos, sobretudo, para os que ouvirem aquela misericordiosa exortação: "Vinde a mim, vós que sofreis e tendes fome de justiça e Eu vos saciarei." (7) Porém, para isso, é necessário que estejamos dispostos a seguir o Mestre, tomando-Lhe a cruz, acompanhando-Lhe os passos.

Referências bibliográficas:

(1) Subconjunto especial de homens que pensa de forma diferente.

(2) Segundo o historiador, Felipe Fernández Armesto, professor da Universidade de Londres

(3) Considerando um conjunto de saberes, uma visão de mundo ou um modelo explicativo da vida

(4) Descartes, por vezes chamado de "o fundador da filosofia moderna" e o "pai da matemática moderna"

(5) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001- Introdução, item XVII

(6) Kardec, Allan. A Gênese, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2000- item 55 do Cap. I,

(7) Cf. Mateus 11:28

## São chegados os tempos?

São chegados os tempos? Para os que em nada crêem, essas palavras não têm qualquer legitimidade e não lhes toca a consciência. Para a maioria dos crentes, elas apresentam qualquer coisa de místico e de sobrenatural, prenunciadoras da subversão das leis da Natureza. Para Kardec, as duas posições são errôneas: "a primeira, porque envolve uma negação da Providência; a segunda, porque tais palavras não anunciam a perturbação das leis da Natureza, mas o cumprimento dessas leis."(1)

Inteligentemente consignado no Jornal O Imortal por Astolfo Olegário "O futuro a Deus pertence e nem mesmo Jesus se atreveu a precisá-lo. (...) "O advento do mundo de regeneração não se dá nem se completa em pouco tempo. Que a transição de planeta de provas e expiações para regeneração já começou, não padece dúvida. Na Revista Espírita há inúmeras informações que o atestam. O equívoco é datar, é precisar, é fixar uma época em que tal processo estará concluído." (2)A rigor, todas as leis da Natureza são obras eternas do Criador, não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. "Quando a Humanidade está madura para subir um degrau, pode dizer-se que são chegados os tempos marcados por Deus."(3)

A Terceira Revelação não inventa a renovação social; "a madureza da Humanidade é que fará dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é mais apto do que qualquer outra doutrina, a secundar o movimento de regeneração; por isso, é ele contemporâneo desse movimento."(4) A evolução dos mundos habitados ocorre no mesmo ritmo da dos seres que habitam em cada um deles. Os

mundos habitados, segundo o Espiritismo, podem ser classificados como: Mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações do Espírito; Mundos de expiação e provas, onde domina o mal entre os Espíritos; Mundos de regeneração, nos quais os Espíritos ainda têm o que expiar; Mundos ditosos, onde o bem sobrepuja o mal e os Mundos celestes ou divinos, onde exclusivamente reina o bem. Na condição de expiação e provas, a Terra viveu "Época de lutas amargas, desde os primeiros anos deste século, (*) a guerra se aninhou com caráter permanente em quase todas as regiões do planeta. A Liga das Nações, o Tratado de Versalhes, bem como todos os pactos de segurança da paz, não têm sido senão fenômenos da própria guerra, que somente terminarão com o apogeu dessas lutas fratricidas, no processo de seleção final das expressões espirituais da vida terrestre."(5). O Século XX, recentemente findo, foi, sem dúvida, o século mais sangrento de todos. Após a Segunda Guerra Mundial, já tivemos 160 conflitos bélicos e 40 milhões de mortos. Se contabilizarmos desde 1914, estes números sobem para 401 guerras e 187 milhões de mortos, aproximadamente.

Apesar de terroristas agirem em toda parte, tropas se confrontarem em muitas regiões, a economia se descontrolar, sistemas e valores entrarem em colapso, instituições tradicionais como a Igreja e a Família serem violentamente abaladas, teóricos pregarem o fim da História, não faltam as vozes otimistas que apregoam um porvir renovado sob a luz de uma nova era. Não há como se desconhecer a violência que assola a Humanidade terrestre. Ela está presente no trânsito, destruindo vidas e mutilando corpos; na prostituição infanto-juvenil, sob o assédio dos malfeitores; na polícia, subvertendo suas obrigações patrióticas de proteger e auxiliar o povo, por interesses pessoais e mesquinhos; nas drogas, levando os jovens à dependência dessas substâncias alucinógenas; nas religiões, onde fanáticos insanos lutam e se aniquilam, disputando qual o "deus" mais forte e mais poderoso; no lar, pela intolerância dos pais para com os filhos e vice-versa, dispensando o diálogo fraterno, que, se houvesse, faria de suas vidas uma tranquila experiência de coabitar com amor.

Percebemos que há um grande número de pessoas aderindo às sugestões do mal, por simples ignorância. Estas, serão renovadas no desdobramento de suas experiências, particularmente com a magna dor, em reencarnações regeneradoras.

O problema maior está com aqueles em que o mal predomina nas entranhas de seus corações, o que constitui uma minoria. Estes, pela lei da seleção natural dos valores morais, serão expurgados do nosso convívio, assim que houver chegado a hora. Temos a impressão de que os atos violentos, praticados por mentes insanas, banalizam-se no curso do tempo, mas, apesar de essa violência sufocar, confundir, assustar e cercear o homem na sua liberdade de ir e vir, nunca se assistiu, em todos os tempos, tantas pessoas boas e pacíficas, mobilizarem-se em prol de programas assistenciais aos irmãos menos afortunados, trabalhando voluntariamente por um mundo melhor e mais justo e com total desprendimento e espírito cristão.É claro que não podemos desconsiderar os perigos reais que nos cercam: desastres nucleares; o buraco na camada de ozônio; o desmatamento desordenado de nossas florestas; a poluição das nossas límpidas águas, etc., mas se olharmos o momento em que vivemos sob a ótica da revelação espírita, teremos motivos suficientes para crer que o desespero e desesperança, consequentes do pessimismo que prevalece atualmente entre os homens, precisam ser substituídos pela ação eficaz. A Terra está entrando em uma fase de transição para Mundo de regeneração, obedecendo às leis naturais de evolução. Mensagens da espiritualidade que nos vêm sendo transmitidas no movimento espírita, desde o final do Século XX, têm confirmado tal fato, e o homem não há como vetar os Decretos de Deus. Percebe-se que, atualmente, tudo está se transformando muito rapidamente, trazendo mais conforto e melhor qualidade de vida ao habitante da Terra. A dor física está, relativamente, sob controle; a longevidade ampliada; a automação da vida material está cada vez maior, em face da tecnologia fascinante, especialmente na área da comunicação e informática.

Quando poderíamos imaginar, por exemplo, há 50 anos, o

potencial da Internet? Já no Século XIX, Kardec asseverava que: "A Humanidade tem realizado, até o presente, incontestáveis progressos. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material."(6)Neste Século XXI, o Planeta passa por um processo acelerado de transformação. É com muito otimismo que percebemos, no tecido social contemporâneo, a gestação de vários investimentos, envolvendo cientistas, filósofos, religiosos e educadores que se inclinam para a formulação de um mundo renovado. Busca-se um novo conceito do homem e um novo ideal de sociedade, alicerçados em paradigmas revolucionários da Nova Física. Se atentarmos apenas para a Informática e para a Medicina, enquanto fatores de progresso humanos a benefício de toda a Humanidade, perceberemos que Deus autorizou aos Espíritos Protetores fazerem aportar, na Terra, os admiráveis avanços científicos que alcançamos. “O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo neste século de declives da sua História; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos. No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a linfa cristalina das verdades consoladoras do Céu, preparando-se as almas para a nova era."(7) A transição de uma categoria de mundo, para outra, não se processa sem abalos, pois toda mudança gera conflitos.

Há um momento em que o antigo e o novo se confrontam, estabelecendo a desordem e uma aparência de caos. "(...) a vulgarização universal do Espiritismo dará em resultado, necessariamente, uma elevação sensível do nível moral da atualidade."(8) Fugindo-se da paranóia de datação do advento do Mundo de Regeneração, se quisermos atuar verdadeiramente, auxiliando o advento de um mundo melhor, tratemos de trabalhar incansavelmente pela divulgação das ideias espíritas, corrigindo as distorções (facilmente observadas) no rumo do movimento que abraçamos, a fim de que os condicionamentos adquiridos em outros arraiais

religiosos não venham a contaminar nossa ação, pela também intromissão de atitudes dogmáticas e intolerantes. “Não é possível esperar a chegada do mundo de regeneração de braços cruzados. Até porque, sem os devidos méritos evolutivos, boa parte de nós deverá retornar a esse mundo pelas portas da reencarnação. Se ainda quisermos encontrar aqui estoques razoáveis de água doce, ar puro, terra fértil, menos lixo e um clima estável - se os flagelos previstos pela queima crescente de petróleo, gás e carvão que agravam o efeito estufa - deveremos agir agora, sem perda de tempo."(9)Para habitarmos um mundo regenerado, mister se faz que o mereçamos.

Para tanto, urge que pratiquemos a caridade, não restrita apenas à esmola, mas que abranja todas as relações com os nossos semelhantes. Assim, perceberemos que a caridade é um ato de relação (doação total) para com os nossos semelhantes. Desta forma, estaremos atendendo ao chamamento do Cristo, quando disse: "Amarás o senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este é o maior e o primeiro mandamento. E aqui tendes o segundo, semelhante a esse: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. - Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos."(10)
(*) Emmanuel faz referência ao Século XX.

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. A Gênese, RJ: Ed. FEB, 2004, Sinais dos Tempos - 4ª parte. (itens 21 a 26) (Estudo 131 e 132)

(2) Cf. Jornal o Imortal publicado em outubro de 2006

(3) ______ Allan. A Gênese, RJ: Ed. FEB, 2004, Sinais dos Tempos - 4ª parte. (itens 21 a 26) (Estudo 131 e 132)

(4) Idem

(5) Xavier, Francisco Cândido. A Caminho da Luz, RJ: Ed. FEB 1987

(6) Kardec, Allan. A Gênese, RJ: Ed FEB, 2004, cap XVII, item 5

(7) Xavier, Francisco Cândido. A Caminho da Luz, RJ: Ed. FEB 1987

(8) Kardec, Allan. Obras Póstumas, 26ª Ed. RJ, FEB 1978. As Aristocracias

(9) Matéria publicada no Boletim SEI - Serviço Espírita de Informações 30/04/05(10) Cf. Mateus, 22, 34-40

## O vício ante as garras insaciáveis do parasitismo espiritual

Para o principiante, fumar ou beber são simbólicos. Eu não sou mais o filhinho da mamãe, eu sou durão, sou um aventureiro, não sou quadrado... À medida que o simbolismo psicológico perde a força, o efeito farmacológico assume o comando para manter o hábito. Para o adepto do Espiritismo, o vício de fumar ou de beber tem consequências muito sérias, sobretudo, por causa das reiteradas advertências dos Benfeitores Espirituais, esclarecendo sobre os malefícios que causam à mediunidade. O médium, viciado no fumo, consubstancia-se integralmente em "cachimbo" ou "piteira" nas amarras dos inveterados fumantes do além, e o viciado em alcoólicos torna-se alvo de obsessão dos esfarrapados alcoolistas do além-túmulo.

O viciado fica preso nas garras insaciáveis do parasitismo ou do vampirismo. Vidas que poderiam ser nobres, dignas, proveitosas, tornam-se vergonhosas e inúteis, estimulantes de capitulações desastrosas. Famílias inteiras são, às vezes, afetadas por esses desastres morais de profunda repercussão. Na verdade, o vampirismo é, apenas, um fenômeno de simbiose, que tanto ocorre entre os encarnados, quanto entre os desencarnados, ou seja, o vício não termina com a morte física.

O vício açoita as bases da consciência evangélica, desarmoniza a estrutura fisiopsíquica e as estruturas funcionais do perispírito, que se impregna de toxinas. O Álcool e o fumo afetam os trilhões de células unicelulares saturadas de vitalidade que compõem o psicossoma, deixando sequelas específicas. Em verdade, o tabagismo e o alcoolismo atormentam os desencarnados viciados que se angustiam ante a vontade de beber e fumar, irresistivelmente potencializada. O

desgaste da questão é consubstanciado na inexistência de indústrias de bebidas alcoólicas e de cigarros na Erraticidade para abastecer Espíritos viciados. Em face disso, os "fantasmas" tabagistas e alcoolistas, para materializarem suas tragadinhas, tornam-se protagonistas da subjugação, transformando-se em artífices da vampirização sobre os encarnados fracos de vontade, que ainda se locupletam nos vapores etílicos e nas deletérias baforadas do malcheiroso cigarro.

Essas são razões suficientes para nos precatar contra tóxicos, narcóticos, alcoólicos, e contra o uso demasiado de quaisquer drogas que viciem a composição fisiológica natural do organismo, até porque, disciplina, critério e moderação garantem o equilíbrio e o bem-estar da nossa mente.

## As muitas faces da obsessão

Dentre as muitas psicopatologias graves de origem obsessiva, que afetam a infância, a mais constrangedora apresenta-se, principalmente, quando os desencarnados adversários acompanham a criança e, pelo sono, apresentam-se espiritualmente, no instante do parcial desprendimento, fazendo-a recordar dos deslizes morais de ontem, razão pela qual recua para o corpo, sob pesadelos atrozes, aos gritos e temores, que, com as perseguições futuras, as fixações enfermiças vão se instalando, transformando-se em lastimáveis subjugações. A criança obsidiada apresenta comportamento diferente, incontrolável, mostrando-se ora agressiva, ora depressiva e, muitas vezes, tentando a autodestruição. Nesses casos, o mecanismo terapêutico é muito complexo, em face de uma enorme ausência de cooperação consciente do enfermo infantil.

O passe magnético é recomendável, por envolver o doente em vibração de bem-estar, de harmonia e, ainda, neutraliza as descargas magnéticas negativas capazes de alcançá-lo.

Outras perseguições espirituais complicadas envolvem Espíritos vingadores, conscientes da condição de desencarnados, que sabem bem o que fazem e se comprazem nisso. O afastamento dessas criaturas não é nada fácil. Dominados pelo ódio, mostram-se intransigentes, irredutíveis, cristalizados de sentimentos inferiores e são refratários a todo tipo de tentativa de esclarecimento. Muitos obsessores são hábeis e inteligentes, perfeitos estrategistas que planejam cada passo e acompanham as "vítimas" por algum tempo, observando suas tendências, seus relacionamentos, seus ideais. Identificam seus pontos vulneráveis (normalmente na área ligada ao comportamento sexual) e as exploram impiedosos.

Os problemas de saúde física também são campos férteis

para semeaduras obsessivas.

Como máquina, nosso corpo se encontra sujeito a desgastes naturais, até porque muitos obsidiados não sabem usá-lo de forma correta. Nesse sentido, os perseguidores do Além sabem explorar, até que o enfermo chegue à patologia de difícil diagnóstico. O estado obsessivo procede da intimidade do homem, exteriorizando-se em forma de tormentos físicos, mentais e emocionais. Seus ingredientes de causa remontam de vidas passadas, de escorregões e quedas morais. Paixões, ódios, fanatismo, avareza e muitos outros fatores são as fontes geradoras da obsessão, que atualmente se constitui num dos mais terríveis flagelos da humanidade. Visitado pelos obsidiados, o Cristo penetrava psiquicamente nas causas da sua inquietude, e, usando de autoridade moral, libertava, tanto os obsessores, quanto os obsidiados, permitindo-lhes o despertar para a Vida, animados para a recuperação e à pacificação da própria consciência.

O Cristo não libertou os obsidiados, sem lhes impor a intransferível necessidade de renovação íntima, nem expulsou, os perseguidores inconscientes, sem fornecer-lhes o endereço de Deus. Em qualquer processo de ordem obsessiva, a parte mais importante do tratamento está reservada ao paciente. Sua fixação em permanecer no desequilíbrio constitui entraves de difícil remoção na terapia do refazimento. A terapia espírita é a do convite ao enfermo para a responsabilidade, convocando-o a uma autoanálise honesta, de modo a que ele possa destroçar, em definitivo, suas prevaricações. Diante das teias das perseguições espirituais, a proposta terapêutica do Evangelho é a única portadora dos elementos da legítima libertação; portanto, o Cristo é o grande libertador a Quem todos devemos recorrer, auxiliando os doentes da alma que transitam destrambelhados, fora da massa corporal. Em Sua permanente energia amorosa, cônscio de Sua missão, Jesus ensinou que o mais poderoso antídoto contra a obsessão é o amor, pela experiência da caridade, da abnegação e do acrisolamento dos ideais. Enquanto as luzes dos archotes culturais parecem esmaecidas pelos desvarios sexuais; pelas substâncias psicoativas; pela sede da posse material, a Doutrina Espírita

chega ao mundo, apontando novos métodos de paz para os que sofrem os ressaibos amargosos da obsessão. Esforcemo-nos pela vigília constante, para que nos libertemos da vergasta das obsessões, no firme propósito de modificação de hábitos e atitudes negativos, ingressando no seio dos valores enobrecedores da vida pela efetiva renovação íntima.

## Ante o suicídio – algumas considerações espíritas

Em recente reportagem, divulgou-se que uma jovem, de 15 anos, suicidou-se com um tiro de revolver, dentro de uma escola, em Curitiba. Não houve grito nem pedido de socorro. Em silêncio, ela entrou no banheiro e se trancou em uma das cinco cabines reservadas. Sentada sobre o vaso sanitário, disparou contra a boca. Suicídios desse gênero (tiro especialmente), em escolas brasileiras, não são comuns. "Três meses antes da tragédia, a jovem procurou os pais e pediu para que eles a levassem a um psicólogo. Dizia sentir-se triste e desmotivada. O pai passou a pegá-la na aula de pintura e levá-la, semanalmente, a um psiquiatra. No inquérito policial sobre o suicídio, apurou-se que ela tomava benzodiazepínicos (soníferos) para dormir, e outros fármacos para controlar a ansiedade que sentia". (1) Diante do dilema, indagamos: Como os pais podem proteger os filhos ante os desequilíbrios emocionais que assolam a juventude de hoje? Obviamente, precisam estar atentos. Interpretar qualquer tentativa ou anúncio de suicídio do jovem como sinal de alerta. O ideal é procurar ajuda especializada de um psicólogo e, para os pais espíritas, os recursos terapêuticos dos centros espíritas. Aproximar-se, mais amiudemente, do filho que apresenta sinais fortes de introspecção ou depressão. O isolamento e o desamparo podem terminar com aguda depressão e ódio da vida.

É evidente que sugerir serem os pais os únicos responsáveis pelo autocídio de um filho(a), é algo muito delicado e preocupante, pois, trata-se um ato pessoal de extremo desequilíbrio da personalidade, gerado por circunstâncias atuais ou por reminiscências de existências passadas. Se há culpa dos pais, atribui-se à negligência, à desatenção, a não perceber as mudanças no comportamento de um filho (a) e a tudo que

acontece à sua volta. Sobre isso, estamos convictos de que a sociedade, como um todo, é, igualmente, culpada. Inobstante colocarem o fardo da culpa nos pais em primeiro lugar, reflitamos: quem pode controlar a pressão psicológica que uma montanha de apelos vazios faz na cabeça dos jovens, diariamente? O suicídio é um ato exclusivamente humano e está presente em todas as culturas. Suas matrizes causais são numerosas e complexas. Os determinantes do suicídio patológico estão nas perturbações mentais, depressões graves, melancolias, desequilíbrios emocionais, delírios crônicos, etc. Algumas pessoas nascem com certas desordens psiquiátricas, tal como a esquizofrenia e o alcoolismo, o que aumenta o risco de suicídio. Há os processos depressivos, onde existem perdas de energia vital no organismo, desvitalizando-o, e, consequentemente, interferindo em todo o mecanismo imunológico do ser.

Em termos percentuais, 70% das pessoas que cometem suicídio, certamente sofriam de um distúrbio bipolar (maníaco-depressivo); ou de um distúrbio do humor; ou de exaltação/euforia (mania), que desencadearam uma severa depressão súbita, nos últimos minutos que antecederam aos de suas mortes. O suicídio pode ocorrer, tanto na fase depressiva, quanto na fase da mania, sempre consequente do estado mental. O suicida é, antes de tudo, um deprimido, e a depressão é a doença da modernidade. O suicida não quer matar a si próprio, mas alguma coisa que carrega dentro de si e que, sinteticamente, pode ser nominado de sentimento de culpa e vontade de querer matar alguém com quem se identifica. Como as restrições morais o impedem, ele acaba se autodestruindo. Assim, o suicida mata outra pessoa que vive dentro dele e que o incomoda, profundamente. Outra coisa que deve ser analisada é a obsessão que poderia ser definida como um constrangimento que um indivíduo, suicida em potencial ou não, sente, pela presença perturbadora de um obsessor.

A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário às leis da Natureza. Todas asseveram que ninguém tem o direito de abreviar, voluntariamente, a vida. Entretanto, por que não se tem esse direito? Por que não é

livre o homem de pôr termo aos seus sofrimentos? Ao Espiritismo estava reservado demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é uma falta somente por constituir infração de uma lei moral - consideração, essa, de pouco peso para certos indivíduos - mas, também, um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica. Antes, o contrário, é o que se dá com eles, na existência espiritual, após ato tão insano. Temos notícia, não somente, pelo que lemos nos livros da Doutrina Espírita e que nos advertem os Espíritos Superiores, mas pelos testemunhos que nos dão esses infelizes irmãos, narrando tristes fatos que eles mesmos nos põem sob as vistas, em sessões de orientação às entidades sofredoras. Sob o ponto de vista sociológico, o suicídio é um ato que se produz no marco de situações anômicas, (2) em que os indivíduos se veem forçados a tirar a própria vida para evitar conflitos ou tensões inter-humanas, para eles insuportáveis.

O pensador Émile Durkheim teoriza que a "causa do suicídio, quase sempre, é de raiz social, ou seja, o ser individual é abatido pelo ser social. Absorvido pelos valores [sem valor], como o consumismo, a busca do prazer imediato, a competitividade, a necessidade de não ser um perdedor, de ser o melhor, de não falhar, o jovem se afasta de si mesmo e de sua natureza. Sobrevive de 'aparências', para representar um 'papel social' como protagonista do meio. Nessa vivência neurotizante, ele deixa de desenvolver suas potencialidades, não se abre, nem expõe suas emoções e se esmaga na sua intimidade solitária." (3)

O Espiritismo adverte que o suicida, além de sofrer no mundo espiritual as dolorosas consequências de seu gesto impensado, de revolta diante das leis da vida, ainda renascerá com todas as sequelas físicas daí resultantes, e terá que arrostar, novamente, a mesma situação provacional que a sua flácida fé e distanciamento de Deus não lhe permitiram o êxito existencial.

É verdade que após a desencarnação não há tribunal nem Juízes para condenar o espírito, ainda que seja o mais culpado. Fica ele, simplesmente, diante da própria consciência, nu perante si mesmo e todos os demais, pois nada pode ser

escondido no mundo espiritual, tendo o indivíduo de enfrentar suas próprias criações mentais. "O pensamento delituoso é assim como um fruto apodrecido que colocamos na casa de nossa mente. A irritação, a crítica, o ciúme, a queixa exagerada, qualquer dessas manifestações, aparentemente sem importância, pode ser o início de lamentável perturbação, suscitando, por vezes, processos obsessivos nos quais a criatura cai na delinquência ou na agressão contra si mesma." (4)

A rigor, não existe pessoa "fraca", a ponto de não suportar um problema, por julgá-lo superior às suas forças. O que de fato ocorre é que essa criatura não sabe como mobilizar a sua vontade própria e enfrentar os desafios. Joanna de Angelis assevera que o "suicídio é o ato sumamente covarde de quem opta por fugir, despertando em realidade mais vigorosa, sem outra alternativa de escapar".(5) Na Terra, é preciso ter tranquilidade para viver, até porque, não há tormentos e problemas que durem uma eternidade. Recordemos que Jesus nos assegurou que "O Pai não dá fardos mais pesados que nossos ombros" e "aquele que perseverar até o fim, será salvo". (6)

Referências bibliográficas:

(1) Disponível em http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI73803-15228,00- NO+BANHEIRO+DA+ESCOLA+UM+TIRO.html

(2) O sociólogo acredita que, quando o indivíduo resolve tirar a própria vida, ele está em estado de anomia, que significa "falta de valores". "Uma situação anômica é a ausência ou desintegração de normas. Quando ocorrem perturbações da ordem coletiva, o número de suicídios tende a se elevar"

(3) Durkheim, Emile. Título: El SUICÍDIO. P. imprenta: Tlahuapan, Puebla. Premiá. 1987. 343 p. Edición; 2a ed. Descriptores: SUICÍDIO. Sociología. Aspectos psicológicos

(4) Mensagem extraída do livro "PACIÊNCIA", de Emmanuel; psicografado por Francisco Cândido Xavier

(5) Franco, Divaldo, Momentos de Iluminação, Ditado pelo

Espírito Joanna de Angelis, RJ: ed. FEB.

(6) MT 24:13

**O aborto é uma prática hedionda desde o Código de Hamurabi**

Sempre houve leis severas contra a prática do aborto na humanidade. No século XVIII a.C., o Código de Hamurabi destacava aspectos da reparação devida a mulheres livres em casos de abortos provocados, exigindo o pagamento de 10 siclos pelo feto morto. Na Grécia antiga, as leis de Licurgo e de Sólon e a legislação de Tebas e Mileto tipificavam o aborto como crime. Hipócrates, uma das figuras mais importantes da história da saúde, frequentemente considerado "pai da medicina", negava o direito ao aborto e exigia dos médicos jurar não dar às mulheres bebidas fatais para a criança no ventre. Na Idade Média, a Lex Romana Visigothorum editava penas severas contra o aborto.

O Código Penal francês de 1791, em plena Revolução Francesa, determinava que todos os cúmplices de aborto fossem flagelados e condenados a 20 anos de prisão. O Código Penal francês de 1810, promulgado por Napoleão Bonaparte, previa a pena de morte para o aborto. Posteriormente, a pena de morte foi substituída pela prisão perpétua. Além disso, os médicos, farmacêuticos e cirurgiões eram condenados a trabalhos forçados.

Se os ditos tribunais humanos condenam a prática do aborto, "as Leis Divinas, por seu turno, atuam inflexivelmente sobre os que alucinadamente o provocam. Fixam essas leis no tribunal da própria consciência culpada, tenebrosos processos de resgate que podem conduzir ao câncer e à loucura, agora ou mais tarde."(1)

O primeiro país da era pós-moderna a legalizar o aborto foi a União Soviética, em 8 de novembro de 1920. Os hospitais soviéticos instalaram unidades especiais denominadas abortórios, concebidas para realizar as operações em ritmo de

produção em massa. A segunda nação a legalizar o abortamento foi a Alemanha Nazista, em junho de 1935, mediante uma reforma da Lei para a Prevenção das Doenças Hereditárias para a Posteridade, que permitiu a interrupção da gravidez de mulheres consideradas de "má hereditariedade" ("não-arianas" ou portadoras de deficiência física ou mental).

Entre 1996 e 2009, “ao menos 47 dos 192 países da ONU aprovaram leis com artigos mais liberalizantes.”(2) Em todos os países da Europa, exceto Malta, o aborto não é penalizado em situações controladas. Os países ibéricos são exemplos de liberalização. Em 2007, Portugal legalizou o aborto sem restrições até a 10ª semana de gestação e, depois desse período, em casos de má-formação fetal, de estupro ou de perigos à vida ou à saúde da mãe. Na Espanha, lei com termos semelhantes começou a vigorar em 2010.

Cuba é o único país hispânico em que o aborto é legal sem restrições. Na Colômbia, a Corte Constitucional determinou em 2006 que o aborto é legítimo em casos de estupro, má-formação fetal ou de riscos para a vida da mãe. Até então, a prática era proibida no país. Há países em que o aborto era totalmente ilegal, mas passou a ser aceito nos últimos anos se a mãe correr riscos ou se houver má-formação fetal (no Irã) ou no caso de estupro (no Togo).

Não nos enganemos, a medicina que executa o aborto nos países que já legalizaram o assassinato do bebê no ventre materno é uma medicina criminosa. Não há lei humana que atenue essa situação ante a Lei de Deus. No Brasil a taxa de interrupção de gravidez supera a taxa de nascimento. Essa situação fez surgir no país grupos dispostos a legalizar o aborto, torná-lo fácil, acessível, higiênico, juridicamente “correto”. Contudo, ainda que isso viesse ocorrer, JAMAIS esqueçamos que o aborto ilegal ou legalizado SEMPRE será um CRIME perante às Leis Divinas!

Os abortistas evocam as péssimas condições em que são realizados os procedimentos clandestinos. Porém, em que pese a sua veracidade, não nos enganemos, imaginando que o aborto oficial irá resolver a questão do assassinato das crianças no útero; ao contrário, o aumentará bastante! E o pior,

continuará a ser praticado por meio secreto e não controlado, pois a clandestinidade é cúmplice do anonimato e não exige explicações.

Alerte-se que se não há legislação humana que identifique de imediato o ignóbil infanticídio, nos redutos familiares ou na bruma da clandestinidade, e aos que mergulham na torpeza do aborto "os olhos divinos de Nosso Pai contemplam do Céu, chamando, em silêncio, às provas do reajuste, a fim de que se expurgue da consciência a falta indesculpável que perpetram."(3)

Chico Xavier disse que "se anos passados houvesse a legalização do aborto, e se aquela que foi a minha querida mãe entrasse na aceitação de semelhante legalidade, legalidade profundamente ilegal, eu não teria tido a minha atual existência, em que estou aprendendo a conhecer minha própria natureza e a combater meus defeitos, e a receber o amparo de tantos amigos, que qual você, como todos aqui, nos ouvem e me auxiliam tanto."(4)

Até mesmo diante de gravidez resultante da violência sexual, "o Espiritismo, considerando o lado transcendente das situações humanas, estimula a mãe a levar adiante a gravidez e até mesmo a criação daquele filho, superando o trauma do estupro, porque aquele Espírito reencarnante terá possivelmente um compromisso passado com a genitora."(5) Lembrando também que "o governo deveria ter departamentos especializados de amparo material e psicológico a todas as gestantes, em especial, às que carregam a pesada prova do estupro.

É absolutamente indefensável, é imoral a prática do aborto "terapêutico". Por que interromper o processo reparador que a vida impõe ao espírito que se reencarna com deficiência? Será justo impedi-lo de evoluir, por egoísmo da gestante? Se o aborto, em tempos idos, era usado a pretexto de terapia, devia-se à falta de conhecimentos médicos. Evocamos no contexto uma aula inaugural do Dr. João Batista de Oliveira e Costa Júnior aos alunos de Direito da USP em 1965 (intitulada "Por que ainda o aborto terapêutico?"). João Batista explicou que o aborto em questão "não é o único meio, ao contrário, é o pior

meio, ou melhor, não é meio algum para se salvar a vida da gestante."(6)

Não impomos anátemas àqueles que estão sob o impacto de consciência febricitante em face do ato já consumado, até para que não caiam na vala profunda do desalento. Para quem já se equivocou, convém lembrar o seguinte: errar é aprender, contudo, ao invés de se fixarem no remorso, precisam aproveitar a experiência como uma boa oportunidade para discernimento no amanhã. Libertar-se da culpa é, sem sombra de dúvidas, colocar-se diante das consequências dos atos com a disposição de resolvê-las, corajosamente.

A adoção de criança abandonada é excelente prática de soerguimento moral. Pode-se, também, fazer opção por uma atividade, onde se esteja em contato direto, corpo a corpo, com crianças carentes de carinho, de amparo, de colo, de cuidados pessoais em creches, em escolas, em hospitais, em orfanatos, etc..

Meditemos sobre isso!

Referências bibliográficas:

(1) Peralva, Martins. O Pensamento de Emmanuel. Cap. I Rio de Janeiro: Editora FEB, 1978.

(2) Conforme o World Population Policies 2009, da ONU que registra o estudo realizado pela ONU e pelo Instituto Guttmacher.

(3) Xavier, Francisco Cândido. Da obra: Religião dos Espíritos, ditado pelo Espírito Emmanuel. 14a edição. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2001.

(4) Disponível em http://www.editoraideal.com.br/chico/perguntas-21.htm, acessado em 15 de março de 2006.

(5) Cf. Manifesto Espírita sobre o Aborto Federação Espírita Brasileira Manifesto aprovado na reunião do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, nos dias 7, 8 e 9 de novembro de 98.

(6) O jornal Folha Espírita, edição de janeiro de 2005.

## Autoestima e auto superação ante a lei da reencarnação

Harley Lane, um menino inglês de 4 anos, teve uma meningite e foi desenganado pelos médicos. Sofreu uma septicemia, uma infecção que ocorre no sangue causada pela proliferação de bactérias e toxinas, conhecida também como sangue envenenado. Essa infecção danifica os tecidos do organismo e diminui a pressão arterial, provocando o fechamento de veias, interferindo na circulação sanguínea. Harley precisou amputar os braços e as pernas e pouco tempo depois, utilizando próteses e uma cadeira de rodas, voltou à escola e se tornou o garoto mais popular da classe, devido ao seu esforço de superação em um corpo físico completamente mutilado. Atualmente, é amparado por um assistente de ensino para ajudá-lo na higienização, prevenindo assim novas infecções.

Jessica Cox, uma americana nascida sem os braços, por conta de uma enfermidade congênita, vem ganhando popularidade nos Estados Unidos como exemplo de superação. Ela se tornou a primeira pessoa a conduzir uma aeronave somente com os pés e conseguiu um brevê de piloto. Cox não se entrega aos limites físicos e não se prende ao “não posso”, costuma dizer ante os desafios “ainda não consegui”. Sob esse raciocínio, acredita que quando na limitação física não se pode fazer algo, mas pode-se buscar meios de superação a fim de vencer, quebrar limites, expandir, ampliar horizontes, levando a barreira limite para mais distante do ponto anterior.

A maior conquista de Jessica é a autoestima e elevado grau de auto aceitação, o que dá a ela esses talentos. Em suas palestras, Jessica procura mostrar às outras pessoas que a autoconfiança é a principal arma para superar as adversidades. Há muitas pessoas ditas “normais” que sofrem de uma deficiência real – a falta de confiança em si mesmas, eis aí os

verdadeiros aleijões humanos. Outro caso de superação é de Flávia Cristiane Fuga e Silva, uma brasileira de 26 anos, portadora de paralisia cerebral, que recebeu sua carteira de advogada, após cinco anos de faculdade e três exames da OAB-SP. Flávia praticamente não fala e se locomove com o auxílio de uma cadeira de rodas. Foi aprovada no exame 133, realizado em agosto de 2007, em que 84,1% dos 17.871 candidatos foram reprovados.

Muitos paralíticos, surdos, mudos e cegos, sob essa égide valorativa de "eficiência", são considerados "deficientes", isto é, aqueles cuja "eficiência" é falha, é insuficiente, e não tem como ser vencida, superada. Entendendo que o limitado físico não sofre de falta de "eficiência", por essa razão postulamos que os “deficientes” não são deficientes, apenas estão temporariamente restritos para fazerem uma ou outra coisa.

Os preceitos espíritas nos remetem a entender que somos sempre herdeiros de nós mesmos, motivo pelo qual é importante que nos esforcemos, a fim de crescermos emocionalmente, amadurecendo conceitos e reflexões, aspirações e programas reencarnatórias, cuja materialização nos submetemos. É importante reconhecermos as próprias dificuldades e esforçar-nos para vencê-las, evitando a queixa a fim de não deprimir o entusiasmo de viver, levando-nos a estados depressivos. Não devemos nos deter na autocompaixão piegas e inútil, precisamos nos motivarmos para crescer e alcançarmos os patamares psicológicos mais elevados de auto superação.

É bem verdade que há dolorosas reencarnações que significam tremenda luta expiatória para as almas necrosadas no vício. As vicissitudes da vida corpórea constituem expiação das faltas do passado e, simultaneamente, provas com relação ao futuro a fim de depurar-nos e elevar-nos, se as suportamos resignados e sem auto piedades. A paralisia, o câncer, a epilepsia, a cegueira, a mudez, a idiotia, a surdez, a hanseníase, o diabete, o pênfigo foliáceo, a loucura e todo o conjunto das patologias de etiologias obscuras e quase incuráveis significam sanções instituídas pelo Criador da vida, portas a dentro da Justiça Universal, atendendo-nos aos

próprios pedidos, para que não venhamos a perder as glórias eternas do espírito a troco de lamentáveis ilusões humanas.

Diante dos desafios do viver na Terra, devemos trilhar pelo caminho da auto superação sob os influxos tenazes da autoconfiança. Esse estado de espírito resulta das conquistas contínuas que demonstram o valor de que se é portador, produzindo imensa alegria íntima, e esta se transforma em saúde emocional, com a subsequente superação dos conflitos remanescentes das experiências de vidas pregressas.

## Reflexões históricas e as defecções do Cristianismo sem Jesus

Com base nas declarações do Espírito Emmanuel, decidimos formatar e publicar em nossas páginas as ajuizadas reflexões históricas sobre o Cristianismo sem Jesus, conforme foram publicadas no livro A Caminho da Luz. Fazendo isso, estamos oportunizando aos leitores conhecer um pouco melhor Emmanuel e a famosa Carta do Bispo Strossmayer, lida no Vaticano em 1870, quando da decretação da Infalibilidade papal.

Segundo escreve o mentor de Chico Xavier, no capítulo intitulado IDENTIFICAÇÃO DA BESTA APOCALÍPTICA, sobre as narrativas do Apocalipse, lemos que "a besta poderia dizer grandezas e blasfêmias por 42 meses, acrescentando que o seu número era o 666 (Apoc. XIII, 5 e 18). Examinando-se a importância dos símbolos naquela época e seguindo o rumo certo das interpretações, podemos tomar cada mês como sendo de 30 anos, em vez de 30 dias, obtendo, desse modo, um período de 1260 anos comuns, justamente o período compreendido entre 610 e 1870, da nossa era, quando o Papado se consolidava, após o seu surgimento, com o imperador Focas, em 607, e o decreto da infalibilidade papal com Pio IX, em 1870, que assinalou a decadência e a ausência de autoridade do Vaticano em face da evolução científica, filosófica e religiosa da Humanidade."(1) Com referência ao fantasmagórico número 666, Emmanuel pronuncia: "sem nos referirmos às interpretações com os números gregos, em seus valores, devemos recorrer aos algarismos romanos, em sua significação, por serem mais divulgados e conhecidos, explicando que é o Sumo-Pontífice da igreja romana quem usa os títulos de "VICARIVS GENERALIS DEI IN TERRIS", "VICARIVS FILII DEI" e "DVX CLERI", que significam "Vigário-

Geral de Deus na Terra", "Vigário do Filho de Deus" e "Príncipe do Clero". Bastará ao estudioso um pequeno jogo de paciência, somando os algarismos romanos encontrados em cada titulo papal a fim de encontrar a mesma equação de 666, em cada um deles. Vê-se pois, que o Apocalipse de João tem singular importância para os destinos da Humanidade terrestre."(2) Emmanuel ainda tece comentários sobre as PROVAÇÕES DA IGREJA, lembrando que "aproximando-se o ano de 1870, que assinalaria a falência da Igreja com a declaração da infalibilidade papal, o Catolicismo experimenta provações amargas e dolorosas. Exaustos de suas imposições, todos os povos cultos da Europa não enxergaram nas suas instituições senão escolas religiosas, limitando-se-lhes as finalidades educativas e controlando-se-lhes o mecanismo de atividades." (3)

Recorda o autor espiritual de "Há dois mil anos" que "compreendendo que o Cristo não tratara de açambarcar nenhum território do Globo, os italianos, naturalmente, reclamaram os seus direitos no capítulo das reivindicações, procurando organizar a unidade da Itália sem a tutela do Vaticano. Desde 1859 estabelecera-se a luta, que foi por muito tempo prolongada em vista da decisão da França, que manteve todo um exército em Roma para garantia do pontífice da Igreja. Mas a situação de 1870 obrigara o povo francês a reclamar a presença dos guardas do Vaticano, triunfando as ideias de Cavour e privando-se o papa de todos os poderes temporais, restringindo-se a sua posse material. Começa, com Pio IX, a grande lição da Igreja. O período das grandes transformações estava iniciado, e ela, que sempre ditara ordens aos príncipes do mundo, na sua sede de domínio, iria tornar-se instrumento de opressão nas mãos dos poderosos. Observava-se um fenômeno interessante: a Igreja, que nunca se lembrara de dar um título real à figura do Cristo, assim que viu desmoronarem os tronos do absolutismo com as vitórias da República e do Direito, construiu a imagem do Cristo-Rei para o cume dos seus altares.".(4) Emmanuel cita ainda que após as "afirmativas do Sílabo e depois do famoso discurso do bispo Strossmayer (*) (vide discurso abaixo), em 1870, no Vaticano, quando Pio IX

decretava a infalibilidade pontifícia"(5), o Clero tenta reabilitar-se através de encíclicas de cunho social.

(*) (Discurso pronunciado no célebre Concílio de 1870, pelo Bispo Strossmayer) (6)

"Veneráveis padres e irmãos:

Não sem temor, porém com uma consciência livre e tranquila, ante Deus que nos julga, tomo a palavra nesta augusta assembleia.

Prestei toda a minha atenção aos discursos que se pronunciaram nesta sala, e anseio por um raio de luz que, descendo de cima, ilumine a minha inteligência e me permita votar os cânones deste Concílio Ecumênico com perfeito conhecimento de causa.

Compenetrado da minha responsabilidade, pela qual Deus me pedirá contas, estudei com a mais escrupulosa atenção os escritos do Antigo e Novo Testamento, e interroguei esses veneráveis monumentos da Verdade: se o pontífice que preside aqui é verdadeiramente o sucessor de São Pedro, Vigário do Cristo e Infalível Doutor da Igreja.

Transporei-me aos tempos em que ainda não existiam o Ultramontanismo e o Galicanismo, em que a Igreja tinha por doutores: Paulo, Pedro, Tiago e João, aos quais não se pode negar a autoridade divina, sem pôr em dúvida o que a santa Bíblia nos ensina, santa Bíblia que o Concílio de Trento proclamou como a Regra da Fé e da Moral. Abri essas sagradas páginas e sou obrigado a dizer-vos: nada encontrei que sancione, próxima ou remotamente, a opinião dos ultramontanos? E maior é a minha surpresa quando, naqueles tempos apostólicos, nada há que fale de papa sucessor de São Pedro e Vigário de Jesus Cristo!

Vós, Monsenhor Manning, direis que blasfemo; vós, Monsenhor Pio, direis que estou demente! Não, monsenhores; não blasfemo, nem perdi o juízo! Tendo lido todo o Novo Testamento, declaro, ante Deus e com a mão sobre o crucifixo, que nenhum vestígio encontrei do papado.

Não me recuseis a vossa atenção, meus veneráveis irmãos!

Com os vossos murmúrios e interrupções, justificais os que dizem, como o Padre Jacinto, que este concílio não é livre se assim for, tende em vista que esta augusta assembleia, que prende a atenção de todo o mundo, cairá no mais terrível descrédito.

Agradeço a S. Excia. o Monsenhor Dupanloup, o sinal de aprovação que me faz com a cabeça; isso me alenta e me faz prosseguir.

Lendo, pois, os santos livros, não encontrei neles um só capítulo, um só versículo que dê a Pedro a chefia sobre os apóstolos.

Não só o Cristo nada disse sobre esse ponto, mas, ao contrário, prometeu tronos a todos os apóstolos (Mateus, XIX, 28), sem dizer que o de Pedro seria mais elevado que os dos outros!

Que diremos do seu silêncio?

A lógica nos ensina a concluir que o Cristo nunca pensou, em elevar Pedro à chefia do Colégio Apostólico.

Quando o Cristo enviou os seus discípulos a conquistar o mundo, a todos - igualmente - deu o poder de ligar e desligar, a todos - igualmente - fez a promessa do Espírito Santo.

Dizem as Santas Escrituras que até proibiu a Pedro e a seus colegas de reinarem ou exercerem senhoria (Lucas, XXII, 25 e 26).

Se Pedro fosse eleito Papa Jesus - não diria isso, porque, segundo a nossa tradição, o papado tem uma espada em cada mão, simbolizando os poderes espiritual e temporal.

Ainda mais: se Pedro fosse papa ou chefe dos apóstolos, permitiria que esses seus subordinados o enviassem, com João, a Samaria, para anunciar o Evangelho do Filho de Deus? (Atos, VIII, 14).

Que direis vós, veneráveis irmãos, se nos permitíssemos, agora mesmo, mandar Sua Santidade Pio IX, que aqui preside, e Sua Eminência, Monsenhor Plantier, ao Patriarca de Constantinopla, para convencê-lo de que deve acabar com o Cisma do Oriente?

O símile é perfeito, haveis de concordar!

Mas temos coisa ainda melhor:

Reuniu-se em Jerusalém um concílio ecumênico para rescindir questões que dividiam os fiéis.

Quem devia convocá-lo? Sem dúvida Pedro, se fosse papa. Quem devia presidi-lo? Por certo que Pedro. Quem devia formular e promulgar os cânones? Ainda Pedro, não é verdade? Pois bem: nada disso sucedeu! Pedro assistiu ao concílio com os demais Apóstolos, sob a direção de Tiago! (Atos, XV).

Assim, parece-me que o filho de Jonas não era o primeiro, como sustentais.

Encarando agora por outro lado, temos: enquanto ensinamos que a Igreja está edificada sobre Pedro, Paulo (cuja autoridade devemos todos acatar) diz-nos que ela está edificada - sobre o fundamento da fé dos apóstolos e profetas, sendo a principal pedra do ângulo, Jesus Cristo (Efésios, II, 20). Esse mesmo Paulo, ao enumerar os ofícios da Igreja, menciona apóstolos, profetas, evangelistas e pastores; e será crível que o grande Apóstolo dos Gentios se esquecesse do papado, se o papado existisse? Esse olvido me parece tão impossível como o de um historiador deste concílio que não fizesse menção de Sua Santidade Pio IX.

(Apartes: Silêncio, herege! Silêncio!)

Calmai-vos, veneráveis irmãos, porque ainda não concluí. Impedindo-me de prosseguir, provareis ao mundo que sabeis ser injustos, tapando a boca do mais pequeno membro desta assembleia.

Continuarei:

O Apóstolo Paulo não faz menção, em nenhuma das suas Epístolas, às diferentes Igrejas, da primazia de Pedro; se essa existisse e se ele fosse infalível como quereis, poderia Paulo deixar de mencioná-la, em longa Epístola sobre tão importante ponto?

Concordai comigo: A Igreja nunca foi mais bela, mais pura e mais santa que naqueles tempos em que não tinha papa.

(Apartes: não é exato! não é exato!)

Por que negais, Monsenhor de Laval? Se algum de vós outros, meus veneráveis irmãos, se atreve a pensar que a Igreja, que hoje tem um papa (que vai ficar infalível), é mais firme na fé e mais pura na moralidade que a Igreja Apostólica,

diga-o abertamente ante o Universo, visto como este recinto é um centro do qual as nossas palavras voam de polo a polo! Calai-vos? Então continuarei:

Também nos escritos de Paulo, de João, ou de Tiago, não descubro traço algum do poder papal! Lucas, o historiador dos trabalhos missionários dos apóstolos guarda silêncio sobre tal assunto!

Isso vos deus preocupar muito.

Não me julgueis um cismático!

Entrei pela mesma porta que vós outros; o meu titulo de bispo deu-me direito a comparecer aqui, e a minha consciência, inspirada no verdadeiro Cristianismo, me obriga a dizer-vos o que julga ser verdade.

Penso que, se Pedro fosse vigário de Jesus Cristo, ele não o sabia, pois que nunca procedeu como papa: nem no dia de Pentecostes, quando pregou o seu primeiro sermão, nem no Concílio de Jerusalém, presidido por Tiago, nem em Antioquia, nem nas Epístolas que dirigiu às Igrejas. Será possível que ele fosse papa sem o saber?

Parece-me escutar de todos os lados: Pois Pedro não esteve em Roma? Não foi crucificado de cabeça para baixo? Não existem os lugares onde ensinou e os altares onde disse missa nessa cidade?

E eu responderei: Só a tradição, veneráveis irmãos, é que nos diz ter Pedro estado em Roma; e como a tradição é tão somente a tradição da sua estada em Roma, é com ele que me provareis o seu episcopado e a sua supremacia? Scalígero, um dos mais eruditos historiadores, não vacila em dizer que o episcopado de Pedro e a sua residência em Roma devem-se classificar no número das lendas mais ridículas! (Repetidos gritos e apartes: tape-lhe a boca, fazei-o descer dessa cadeira!)

Meus veneráveis irmãos, não faço questão de calar-me, como quereis, mas não será melhor provar todas as coisas como manda o apóstolo e crer só no que for bom? Lembrai-vos de que temos um ditador ante o qual todos nós, mesmo Sua Santidade Pio IX, devemos curvar a cabeça:

Esse ditador, vós bem o sabeis, é a História!

Permiti que repita: folheando os sagrados escritos, não encontrei ó mais leve vestígio do papado nos tempos apostólicos.

E, percorrendo os Anais da Igreja, nos quatro primeiros séculos, o mesmo sucedeu!

Confessar-vos-ei que encontrei o seguinte:

Que o grande Santo Agostinho, Bispo de Hipona, honra e glória do Cristianismo e secretário no Concílio de Melive, nega a supremacia ao bispo de Roma!

Que os bispos da África, no Sexto Concílio de Cartago, sobe presidência de Aurélio, bispo dessa cidade, admoestavam a Celestino, Bispo de Roma, por supor-se superior aos demais bispos, enviando-lhes comissionados e introduzindo o orgulho na Igreja.

Que portanto, o papado não é instituição divina.

Deveis saber, meus veneráveis irmãos, que os padres do Concílio de Calcedônia colocaram os bispos da antiga e da nova Roma na mesma categoria dos demais bispos.

Que aquele Sexto Concílio de Cartago proibiu o título de Príncipe dos Bispos, por não haver soberania entre eles.

E que São Gregório I escreveu estas palavras, que muito aproveitam à tese: "Quando um patriarca se intitula Bispo Universal, o título de patriarca sofre incontestavelmente descrédito. Quantas desgraças não devemos nós esperar, se entre os sacerdotes se suscitarem tais ambições? Esse bispo será o rei dos orgulhosos! (Pelágio II, Cett. 15).

Com tais autoridades e muitas outras que poderia citar-vos, julgo ter provado que os primeiros bispos de Roma não foram reconhecidos como bispos universais ou papas, nos primeiros séculos do Cristianismo.

E para mais reforçar os meus argumentos, lembrarei aos meus veneráveis irmãos que foi Osio, bispo de Córdova, quem presidiu o Primeiro Concílio de Nicéia, redigindo os seus cânones; e que foi ainda esse bispo que, presidindo o Concílio de Sardica, excluiu o enviado de Júlio, Bispo de Roma!

Mas da direita me citaram estas palavras do Cristo “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”.

Sois, portanto, chamados para este terreno.

Julgais, veneráveis irmãos, que a rocha ou pedra sobre que a Santa Igreja está edificada é Pedro; mas permiti que eu discorde desse vosso modo de pensar.

Diz Cirilo, no seu quarto livro sobre a Trindade: “A rocha ou pedra de que nos fala Mateus é a fé imutável dos Apóstolos”.

Olegário, Bispo de Poitiers, em seu segundo livro sobre a Trindade, repete: “aquela pedra é a rocha da fé confessada pela boca de Pedro. É no seu sexto livro mais luz nos fornece dizendo: “e sobre esta rocha da confissão da fé que a Igreja está edificada”.

Jerônimo no sexto livro sobre Mateus é de opinião de que Deus fundou a sua Igreja, sobre a rocha, ou pedra, que deu nome a Pedro.

Nas mesmas águas navega Crisóstomo, quando, em sua homilia 56 a respeito de Mateus, escreve: "Sobre esta rocha edificarei a minha Igreja: e esta rocha é a confissão de Pedro."

E eu vos perguntarei, veneráveis irmãos, qual foi à confissão de Pedro?

Já que não me respondeis, eu vô-la darei: "Tu és o Cristo, o filho de Deus.''Ambrósio, Arcebispo de Milão; Basílio de Salência e os padres do Concílio de Calcedônia, ensinam precisamente a mesma coisa.

Entre os doutores da Antiguidade Cristã, Agostinho ocupa um dos primeiros lugares, pela sua sabedoria, e pela sua santidade. Escutai como ele se expressa sobre a Primeira Epístola de João: "Edificarei a minha Igreja sobre esta rocha, significa claramente que é sobre a fé de Pedro."

No seu tratado 124, sobre o mesmo João, encontra-se esta frase significativa: "Sobre esta rocha, que acabais de confessar, edificarei a minha Igreja; e a rocha era o próprio Cristo, filho de Deus."

Tanto esse grande e santo bispo não acreditava que a Igreja fosse edificada sobre Pedro, que disse em seu sermão n. 13: "Tu és Pedro, e sobre esta rocha ou pedra, que me confessaste, que reconheceste, dizendo: Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo, edificarei a minha Igreja; sobre mim mesmo: pois sou o Filho de Deus vivo, edificarei sobre mim mesmo, e não sobre ti."

Haverá coisa mais clara e positiva?

Deveis saber que essa compreensão de Agostinho; sobre tão importante ponto do Evangelho, era a opinião corrente do mundo cristão naqueles tempos. Estou certo de que não me contestareis.

Assim é que, resumindo, vos direi:

.ª Que Jesus deu aos outros apóstolos o mesmo poder que deu a Pedro.

.ª Que os apóstolos nunca reconheceram em Pedro a qualidade de vigário do Cristo e infalível Doutor da Igreja.

.ª Que o mesmo Pedro nunca pensou ser papa, nem fez coisa alguma como papa.

.ª Que os concílios dos quatro primeiros séculos nunca deram, nem reconheceram o poder e a jurisdição que os bispos de Roma queriam ter.

.ª Que os Padres da Igreja, na famosa passagem: “Tu és Pedro e sobre essa pedra (a confissão de Pedro) edificarei a minha Igreja” nunca entenderam que a Igreja estava edificada sobre Pedro (super petrum), isto é: sobre a confissão da fé do Apóstolo.

Concluo, pois, como a História, a razão, a lógica, o bom senso e a consciência do verdadeiro cristão, que Jesus não deu supremacia alguma a Pedro, e que os Bispos de Roma só se constituíram soberanos da Igreja confiscando um por um, todos os direitos do episcopado! (Vozes de todos os direitos do episcopado! vozes de todos os lados: Silêncio, Insolente! Silêncio! Silêncio!)

Não sou insolente! Não, mil vezes não!

Contestai a História, se ousais fazê-lo; mas ficai certos de que não a destruireis!

Se eu alguma inverdade, ensinai-me isso com a História, da qual vos prometo fazer a mais honrosa apologia! Mas, compreendei que não disse ainda tudo quanto quero e posso dizer! Ainda que a fogueira me aguardasse lá fora, eu não me calaria!

Sedes pacientes como manda Jesus. Não juntei a cólera ao orgulho que vos domina!

Disse Monsenhor Dupanloup, nas suas célebres Observações

sobre este Concílio do Vaticano, e com razão, que se declararmos infalível a Pio IX, necessariamente precisamos sustentar que infalíveis também eram todos os seus antecessores. Porem, veneráveis irmãos, com a História na mão, vos provareis que alguns papas faliram.

Passo a provar-vos, meus veneráveis irmãos, com os próprios livros existentes na Biblioteca deste Vaticano, como é que faliram alguns dos papas que nos têm governado:

O papa Marcelino entrou no Templo de Vesta e ofereceu incenso à deusa do Paganismo.

Foi, portanto, idolatra; ou pior ainda foi apóstata.

Libório consentiu na condenação de Atanásio; depois passou-se para o Arianismo.

Honório aderiu ao monoteísmo.

Gregório I chamava Anticristo ao que se impunha como Bispo Universal; entretanto, Bonifácio III conseguiu obter do parricida Imperador Focas este título em 607.

Pascoal II e Eugênio III autorizavam os duelos, condenados pelo Cristo: enquanto que Julio II e Pio IV os proibiram. Adriano II, em 872, declarou válido o casamento civil; entretanto, Pio VII, em 1823, condenou-o!

Xisto V publicou uma edição da Bíblia, e com uma bula recomendou a sua leitura; e aquele Pio VII excomungou a edição!

Clemente XIV aboliu a Companhia de Jesus, permitida por Paulo III; e Pio VII restabeleceu-a!

Porém, para que mais provas? Pois o nosso Santo Padre Pio IX não acaba de fazer a mesma coisa quando, na sua bula para os trabalhos deste Concílio, dá como revogado tudo quanto se tenha feito em contrário ao que aqui for determinado, ainda mesmo tratando-se de decisões dos seus antecessores? Até isso negareis?

Nunca eu acabaria, meus veneráveis irmãos, se me propusesse a apresentar-vos todas as contradições dos papas, em seus ensinamentos!

Como então se poderá dar-lhes a infalibilidade? Não sabeis que, fazendo infalível Sua Santidade, que presente se acha e me ouve, tereis de negar a sua falibilidade e a dos seus

antecessores.

E atrevereis a sustentar que o Espírito Santo vos revelou que a infalibilidade dos papas data apenas deste ano de 1870?

Não vos enganeis a vós mesmos: Se decretais o dogma da infalibilidade papal, vereis os protestantes, nossos rancorosos adversários, penetrarem por larga brecha com a bravura que lhes dá a História.

E que tereis vós a opor-lhes? O silêncio, se não quiserdes desmoralizar-vos. (Gritos: É demais; basta! basta!)

Não griteis, monsenhores! Temer a História, é confessar-vos derrotados! Ainda que pudésseis fazer correr toda a água do Tibre sobre ela, não borraríeis nem uma só de suas páginas! Deixai-me falar e serei breve.

Virgílio comprou o papado de Belizário, tenente do Imperador Justiniano. Por isso foi condenado no Segundo Concílio da Calcedônia, que estabeleceu este cânone: "O bispo que se eleve por dinheiro será degradado".

Sem respeito àquele cânone, Eugênio III, seis séculos depois, fez o mesmo que Virgílio, e foi repreendido por Bernardo, que era a estrela brilhante do seu tempo.

Deveis conhecer a história do Papa formoso: Estevão XI fez exumar o seu corpo, com as vestes pontificais: mandou cortar-lhe os dedos e o arrojou no Tibre. Estevão foi envenenado; e tanto Romano como João, seus sucessores, reabilitaram a memória de Formoso.

Lede Plotino, lede Barônio, Barônio, o Cardeal! É dele que me sirvo!

Barônio chega a dizer que as poderosas cortesãs vendiam, trocavam e até se apoderavam dos bispados; e, horrível é dizê-lo, faziam seus amantes serem papas!

Genebrado sustenta que, durante 150 anos, os papas, em vez de apóstolos, foram apóstatas!

Deveis saber que o Papa João XII foi eleito com a idade de apenas dezoito anos; e que seu antecessor era filho do Papa Sérgio com Marozzia!

Que Alexandre XI era... nem me atrevo a dizer o que ele era de Lucrecia! e que João XXII negou a imortalidade da alma, sendo deposto pelo Concílio de Constança.

Já nem falo dos cismas que tanto têm desonrado a Igreja. Volto, porém, a dizer-vos que se decretais a infalibilidade do atual Bispo de Roma, devereis decretar também a da todos os seus antecessores: mas, vós atrevereis a tanto? Sereis capazes de igualar, a Deus todos os incestuosos, avaros, homicidas e simoníacos Bispos de Roma? (Gritos: Descei da cadeira, descei já! Tapemos a boca desse herege).

Não griteis, meus veneráveis irmãos. Com gritos nunca me convencereis! História protestará eternamente sobre o monstruoso dogma da infalibilidade papal; e, quando mesmo todos vós aproveis, faltará um voto, e esse voto é o meu!

Mas, voltemos à doutrina dos Apóstolos:

Fora dela só há erros, trevas e falsas tradições. Tomemos a eles e aos profetas nossos únicos mestres, sob a chefia da Jesus.

Firmes e imóveis como a rocha, constantes e incorruptíveis nas inspiradas Escrituras digamos ao mundo: Assim como os sábios da Grécia foram vencidas Paulo, assim a Igreja Romana será vencida pelo seu 98 (Gritos clamorosos: Abaixo o protestante! Abaixo o calvinista! Abaixo o traidor da Igreja!)

Os vossos gritos, monsenhores, não me atemorizam, e só vos comprometem. As minhas palavras têm calor, mais minha cabeça está perene. Não sou de Lutero, nem de Calvino, nem de Paulo, e, sim, e tão somente, do Cristo! (Novos gritos: Anátema! Anátema vos lançamos!)

Anátema! Anátema! para os que contrariam a Doutrina de Jesus! Ficai certos de que os apóstolos, se aqui comparecessem, vos diriam a mesma coisa que vos acabo de declarar.

Que lhes direis vós, se eles, que predicaram e confirmaram com o seu sangue, lembrando-os o que escreveram, vos mostrassem o quanto tendes deturpado o Evangelho do Amado Filho de Deus? Acaso lhes diríeis: Preferimos a doutrina dos Loiolas à do Divino Mestre?

Não! mil vezes não! A não ser que tenhais tapado os ouvidos, fechado os olhos e embotado a vossa inteligência, o que não creio.

Oh! se Deus nos quer castigar fazendo cair pesadamente a

sua mão sobre nós, como fez ao faraó, não precisa permitir que os soldados de Garibaldi nos expulsem daqui; basta deixar que façais de Pio IX um Deus, como já fizeste uma deusa de Maria!

Evitai, sim, evitai, meus veneráveis irmãos, o terrível precipício a cuja borda estais colocados! Salvai a Igreja do naufrágio, que a ameaça, e busquemos todos, nas sagradas Escrituras, a regra da Fé que devemos ter e professar! Digne-se de assistir-me! Tenho concluído!

(Todos os padres se levantaram, muitos sairão da sala; porém, alguns prelados Italianos, americanos, franceses e Ingleses rodearam o inspirado orador e, com fraternais apertos de mão, demonstraram concordar com o seu modo de pensar.)"

Coisa singular: desde a tal infalibilidade dos papas, vem a Igreja como se atirando num despenhadeiro, de cabeça para baixo!"

Quão inspirado estava o Bispo Strossmayer!

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. A Caminho da Luz, ditado pelo espírito Emmanuel, 22a. edição, pág. 123 Rio de Janeiro, Ed FEB, 1996

(2) idem

(3) Xavier, Francisco Cândido. A Caminho da Luz, ditado pelo espírito Emmanuel, 22a. edição, pág. 193 Rio de Janeiro, Ed FEB, 1996

(4) idem

(5) Xavier, Francisco Cândido. A Caminho da Luz, ditado pelo espírito Emmanuel, 22a. edição, pág. 197 Rio de Janeiro, Ed FEB, 1996

(6) Fonte do site:

http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Cairbar%20Schutel/10/Cairbar%20Schutel%2

## Reflexões necessárias sobre práticas mediúnicas

Lembrando que e a questão fenomênica é acessória e não constitui ponto essencial para as propostas doutrinárias, Emmanuel admoesta: "São muito poucas as casas espíritas que se podem entregar ao exercício da mediunidade. Os dirigentes vigilantes devem intensificar reuniões de estudos teóricos, meditação e debates racionais para entendimentos seguros, fugindo de um prematuro intercâmbio com as forças advindas do além-túmulo."(1)

Para melhor compreendermos os objetivos do exercício da mediunidade nos seus pontos básicos, temos que separar, com discernimento, a prática mediúnica, propriamente dita, dos postulados Espíritas e a partir daí definirmos fenômeno [mediúnico] por elemento material de análise e Doutrina Espírita como a base teórica que esclarece os processos fenomênicos. Esse procedimento é para nos libertamos das fantasias ilusórias, mitos e crendices.

Ressaltamos a urgente necessidade do estudo continuado do Livro dos Médiuns, um compêndio monumental e insuperável para o entendimento da prática dos fenômenos psíquicos. A terminologia médium advém do latim, médium, ou seja: meio, intermediário. Pessoa que pode servir de intermediário entre os Espíritos e os homens conforme instrui Allan Kardec. Destarte, incorreremos em grave distorção doutrinária se concluir que todos somos mais ou menos médiuns no sentido restrito e usual da palavra, ou seja, se julgarmos que todos podemos produzir manifestações ostensivas, tais como psicofonia, psicografia, efeitos físicos etc. Outro aspecto essencial relativo à natureza da mediunidade encontra-se exposto na resposta à indagação que Kardec endereçou aos Espíritos: O DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE GUARDA PROPORÇÃO COM O

DESENVOLVIMENTO MORAL DOS MÉDIUNS? "Não" disseram os mentores, "a faculdade propriamente dita prende-se ao organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom ou mau, conforme as qualidades do médium". (2) Infere-se do exposto que mediunidade [ostensiva] é faculdade especial que certas pessoas possuem para servir de intermediárias entre os Espíritos e os homens.

Ela tem origem orgânica, e independe da condição moral do médium, de suas crenças, de seu desenvolvimento intelectual. No parágrafo 200 de O Livro dos Médiuns, Allan Kardec deixa explícito que não há senão um único meio de constatar a existência da faculdade mediúnica em alguém: a experimentação. Ou seja, só poderemos saber que uma pessoa é médium observando que efetivamente é capaz de servir de intermediário aos Espíritos desencarnados. Isso naturalmente remete-nos à importante questão do estudo metódico e educação da mediunidade. O desenvolvimento da faculdade mediúnica depende da natureza mais ou menos expansível do perispírito (3) do médium e da maior ou menor facilidade da sua assimilação das energias dos Espíritos; depende, portanto, do organismo e pode ser desenvolvida quando exista o princípio; não pode, porém, ser adquirida quando o princípio não exista. Incorre em sério equívoco quem queira forçar a todo custo o desenvolvimento de uma faculdade que não possua.

Sobre isso, Emmanuel explica à pergunta 384 no livro O Consolador "A mediunidade não deve ser fruto de precipitação nesse ou naquele setor da atividade doutrinária, porquanto, em tal assunto, toda a espontaneidade é indispensável, considerando-se que as tarefas mediúnicas são dirigidas pelos mentores do plano espiritual. (4) E reitera na questão 386: "Ninguém deverá forçar o desenvolvimento dessa ou daquela faculdade, porque, nesse terreno, toda a espontaneidade é necessária; observando-se contudo, a floração mediúnica espontânea, nas expressões mais simples, deve-se aceitar o evento com as melhores disposições de trabalho e boa-vontade (...)." (5)

Urge estarmos vigilantes quanto à prática às vezes tão recorrente em centros espíritas, onde as pessoas que aparecem nos centros espíritas devem, cedo ou tarde, ser encaminhada às chamadas reuniões de desenvolvimento mediúnico. Alguns argumentos frequentemente alegados para esse tipo de procedimento: são os desequilíbrios múltiplos de saúde ou de comportamento que apresente, especialmente quando venham desafiando a perícia da medicina, e /ou empenho e dedicação com que alguém se interesse pelo Espiritismo, sugerindo, segundo julgam, que tem todas as condições para exercer a mediunidade.

Nas reflexões que expomos recordemos que a educação mediúnica a ser promovida nos centros espíritas não deve jamais ser entendida como o aprendizado de técnicas e métodos para fazer surgir a mediunidade, em quem não possua nem indícios, mas exclusivamente como o aperfeiçoamento e norteamento eficaz e equilibrado das faculdades brotadas naturalmente, o que resulta o aperfeiçoamento moral do médium, por meio do estudo sério e de seus esforços continuados para ajustar suas práticas às recomendações evangélicas. Indaga Kardec: "OS MÉDIUNS QUE FAZEM MAU USO DE SUAS FACULDADES, QUE NÃO SE SERVEM DELAS PARA O BEM, OU QUE NÃO AS APROVEITAM PARA SE INSTRUÍREM, SOFRERÃO AS CONSEQUÊNCIAS DESSA FALTA?" Os Benfeitores explicam que "se delas fizerem mau uso, serão punidos duplamente, porque têm um meio a mais de se esclarecerem e não o aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso." (6)

Emmanuel no livro Encontro Marcado alerta: "O exercício da mediunidade nas tarefas espíritas exige larga disciplina mental, moral e física, assim como grande equilíbrio das emoções".(7) Por isso, a maior necessidade do médium "é evangelizar-se a si mesmo antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, pois, de outro modo poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão" (8)Se mal empregada, a mediunidade significará o cultivo da confusão, da disseminação da dúvida e da mentira, do insuflamento do egoísmo e do orgulho, da vaidade. Até porque mediunidade

sem um estudo sério e sem Jesus sedimenta a emissão de forças mentais deletérias abrindo espaço às perseguições dos Espíritos que teimam em permanecer nas trevas.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed. FEB-2000, questão 387 (2) Idem questão. 384 (3) Idem questão. 386 (4) Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, RJ: Ed. FEB, 1997, parágrafo 226 (5) O perispírito desempenha papel de suma importância no processo, sendo o mesmo o agente de todos os fenômenos mediúnicos, e estes só podendo produzir-se pela ação recíproca dos fluidos que emitem o médium e o Espírito, temos como regra sem exceções que, ocorrendo um fenômeno de comunicação com o mundo espiritual, necessariamente haverá a participação de um médium. Em alguns casos, como em certas manifestações de efeitos físicos, não se nota a presença do médium, mas podemos estar certos de que haverá alguém, em algum lugar, servindo de médium, ainda mesmo que este não esteja consciente do papel que desempenha (6) Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, RJ: Ed. FEB, 1997, parágrafo 226 (7) Xavier, Francisco Cândido. Encontro Marcado, ditado pelo Espírito Emmanuel Capítulo Examinando a Mediunidade, (8) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed. FEB-2000, questão 387.

## Não existe desobsessão sem base de renovação moral

O Espiritismo explica que na loucura a causa do mal é interior e é preciso procurar restabelecer o organismo ao estado normal. Na obsessão, a causa do mal é exterior e é preciso desembaraçar o doente de um inimigo invisível opondo-lhe, não remédios, mas uma força moral superior à sua. "A experiência prova que, em semelhante caso, os exorcismos não produziram jamais nenhum resultado satisfatório, e que antes agravaram do que melhoraram a situação. Só o Espiritismo, indicando a verdadeira causa do mal, pode dar os meios de combatê-lo".(1)

É preciso, de certa maneira, educar moralmente o Espírito obsessor; por conselhos inteligentes, pode-se fazê-lo melhor e determinar-lhe declinar espontaneamente ao tormento da vítima, e então esta se liberta. Todavia, não se pode esquecer que os obsessores são hábeis e inteligentes, perfeitos estrategistas que planejam cada passo e acompanham as presas por algum tempo, observando suas tendências, seus relacionamentos, seus ideais. Identificam seus pontos vulneráveis (quase sempre ligados ao desequilíbrio sexual) e os exploram pertinazes. Para a escola psiquiátrica obsessão é um pensamento, ou impulso, persistente ou recorrente, indesejado e aflitivo, e que vem à mente involuntariamente, a despeito de tentativa de ignorá-lo ou de suprimi-lo. Psiquiatras que não admitem nada fora da matéria não podem entender uma causa oculta; mas quando a academia científica tiver saído da rotina materialista, ela reconhecerá na ação do mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivemos, uma força que reage sobre as coisas físicas, tanto quanto sobre as coisas morais. Esse será um novo caminho aberto ao progresso e a chave de uma multidão de fenômenos mal compreendidos do psiquismo humano. Sob o enfoque espírita, obsessão é a ação persistente

que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, que vai de uma simples influência moral sem sinais exteriores sensíveis até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais.

Quanto à subjugação obsessiva(2) representa um constrangimento físico sempre exercido por Espíritos bastante vingativos e que pode ir até à mortificação do livre arbítrio. Ela se limita, muitas vezes, a simples impressões incomodativas, mas resulta, muitas vezes, movimento psicomotores desordenado, atitudes incoerentes, crises, palavras inadequadas ou injuriosas, as quais aquele que dela é alvo tem consciência por vezes de todo o ridículo, mas da qual não pode se defender. "Esse estado difere essencialmente da loucura patológica, com a qual se confunde erradamente, porque não há nenhuma lesão orgânica; as causas sendo diferente, os meios curativos devem ser outros. Aplicando-lhe o procedimento ordinário das duchas e dos tratamentos corporais, chega-se, muitas vezes, a determinar uma verdadeira loucura, aí onde não havia senão uma causa moral".(3)

Esse desarranjo psicoespiritual deverá ser eliminado do Orbe, no instante em que o lídimo exemplo do amor for experimentado e disseminado em todas as direções, consoante Jesus consubstanciou e vivenciou até a agrura da morte, e prosseguindo desde os tempos apostólicos até os dias atuais. O Espiritismo, desvendando a intervenção dos Espíritos endurecidos no mal em nossas vidas, lança luzes sobre questões ainda desconsideradas pelas ciências materialistas como de causa psicopatológica. E, óbvio, não descartando a possibilidade da anomalia psicossomática a Doutrina Espírita faz conhecer outras fontes das misérias humanas, mantidas pela fragilidade moral dos seres. Reconhecemos que o uso dos fármacos antidepressivos estabelece a harmonia química cerebral, melhorando o humor do paciente, no entanto, agem simplesmente no efeito, uma vez que os medicamentos não curam a obsessão em suas intrínsecas causas; apenas restabelecem o trânsito das mensagens neuroniais, corrigindo o funcionamento neuroquímico do SNC (sistema nervoso central).

Sócrates já afirmava "se os médicos são malsucedidos, tratando da maior parte das moléstias, é que tratam do corpo, sem tratarem da alma”.

Ora, “não se achando o todo em bom estado, impossível é que uma parte dele passe bem".(4)Se diante dos nossos fracassos momentâneos costumamos olvidar, sistematicamente a paciência e equilíbrio, a oração e a vigília, então é urgente estabelecer o momento para introspecção, nos arcabouços da mente, a fim de que venhamos fazer em nós mesmos as correções prementes. Nessas situações cotidianas, costumamos entronizar a ideia de obsessão, possessão, subjugação supondo-nos "vítimas"(5) de entidades perseguidoras. A questão, no entanto, não se restringe só a influenciação espiritual dos inimigos que se nos embute na frequência psíquica, mas, sobretudo, diz respeito a nós próprios. A obsessão de vários graus se constitui de tratamento de longo curso, por muito delicado e complexo e o resultado ditoso depende da renovação espiritual do paciente, na razão em que desperte para a seriedade da conjuntura aflitiva em que se encontra.

Simultaneamente, a solidariedade fraternal, envolvendo ambos enfermos em orações e compaixão, esclarecimentos e estímulos para o futuro saudável, conseguem romper o círculo vigoroso de energias destrutivas, abrindo espaço para a ação benéfica, o intercâmbio de esperança e de libertação. Muitas vezes procurado pelos obsedados o Cristo penetrava psiquicamente nas causas da sua inquietude, e, usando de autoridade moral, libertava tanto os obsessores quanto os obsidiados, permitindo-lhes o despertar para a vida animada rumo a recuperação e à pacificação da própria consciência. Porém, é muito importante lembrar que Jesus não libertou os obsidiados sem lhes impor a intransferível necessidade de renovação íntima, nem expulsou os perseguidores inconscientes sem fornecer-lhes o endereço de Deus.

Em qualquer processo de ordem obsessiva a parte mais importante do tratamento está reservada ao paciente. Sua fixação em permanecer no desequilíbrio constitui entraves de difícil remoção na terapia do refazimento. A terapia espírita é a

do convite ao enfermo para a responsabilidade, convocando-o a uma autoanálise honesta, de modo a que ele possa eliminar em definitivo suas incursões nas voragens dos desvios morais. Esforcemo-nos, pois, pela vigília constante e orando para que nos libertemos da vergasta das obsessões, no firme propósito de modificação de hábitos e atitudes negativos, ingressando no seio dos valores enobrecedores da vida pela efetiva mudança de comportamento.

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, Rio de Janeiro: Editora FEB, 2001 e Revista Espírita, fevereiro, março e junho de 1864. A jovem obsedada de Marmande.

(2) A subjugação obsessiva, o mais ordinariamente, é individual; mas, quando uma falange de Espíritos maus se abate sobre uma população, ela pode ter um caráter epidêmico. Foi um fenômeno desse gênero que ocorreu ao tempo do Cristo; só uma poderosa superioridade moral podia domar esses seres malfazejos, designados então sob o nome de demônios, e devolver a calma às suas vítimas. [Uma epidemia semelhante castigou por vários anos uma aldeia da Haute-Savoie, conforme relata a Revista Espírita, abril e dezembro de 1862; janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863: Os possessos de Morzines]

(3) Kardec, Alan. O Que é o Espiritismo, Cap. II, Escolho dos Médiuns, Rio de Janeiro: Editora FEB, 2003.

(4) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Resumo da doutrina de Sócrates e de Platão, item XIX, Rio de Janeiro: Editora FEB, 2001

(5) Os chamados obsessores, na maioria das vezes, são de fato nossas vítimas reais do passado.

## Breves reflexões sobre as catástrofes naturais em Santa Catarina

"As grandes provas são quase sempre um indício de um fim de sofrimento e de aperfeiçoamento do Espírito, desde que sejam aceitas por amor a Deus". (1)

Na vida humana, tudo tem uma razão de ser, nada ocorre por acaso, ainda mesmo quando as situações se nos afigurem trágicas. O caos catarinense parece-nos um evidente episódio de resgate coletivo. Mas, urge refletir necessariamente que, ante as situações trágicas da Terra, o ser humano adquire mais experiência e mais energias iluminativas no cérebro e no coração, para defender-se e valorizar cada instante de sua vida. Com as verdades reveladas pelo Espiritismo, compreende-se, hoje, a justiça das provações. A Lei de causa e efeito, entendendo-a como sendo, dentre outras possibilidades, uma amortização de débitos de vidas pregressas, esclarece-nos sobre o problema da dor.

Para cada tragédia, tem que haver uma explicação plausível. Qual o significado dos milhares de seres que foram tragados pelas águas do Tsunami - catástrofe, cujas dimensões deixaram o mundo inteiro consternado? Para as tragédias coletivas, somente o Espiritismo tem as respostas coerentes, profundas e claras, que explicam, esclarecem e, por via de consequência, consolam os corações humanos, perante os ressaibos amargosos dessas situações.

É bem verdade que as catástrofes naturais ou acidentais, como a de Santa Catarina, vitimam centenas ou milhares de pessoas. Nesses episódios, as imagens midiáticas, virtuais ou impressas, mostram-nos, com colorido forte, as tintas do drama de inúmeros seres, enquanto a população recolhe o que sobrou e chora seus mortos.

Em muitas das situações, o nexo causal, entre a catástrofe e

a ação humana, acha-se presente. (2) Atualmente, nem é preciso ter o dom da profecia para se fazer uma projeção sobre o triste cenário do futuro do nosso Planeta. Temos consciência de que estamos na iminência de desastres ecológicos, sem precedentes, em face da rota de colisão entre o homem e a Natureza.

Em 1985, os cientistas identificaram um buraco na camada de ozônio, sobre a Antártida, que continua se expandindo, assustadoramente. A redução do ozônio contribui para o "fenômeno estufa". As consequências dessa síndrome são catastróficas, como o aquecimento e a alteração do clima, precipitando a ocorrência de furacões, tempestades severas e, até, terremotos. O efeito do "El Ninõ e La Niña", também é aterrorizante, pois que acelera o degelo das calotas polares, aumentando, consequentemente, o nível do mar e inundando regiões litorâneas. Prova disso, são os registros de diminuição das geleiras no Himalaia, nos Andes, no Monte Kilimanjaro, e a única estação de esqui da Bolívia, Chacaltaya, pôs fim à sua atividade, pela escassez de neve naquela região.

Por que não nos mobilizamos em adotarmos medidas urgentes de prevenção, evitando, assim, um mal maior, ou seja, um caos ecológico para nós mesmos e, principalmente, às gerações futuras, ao invés de ficarmos, apenas, como espectadores? Devemos ficar atentos, abrir os nossos olhos para os alertas dos especialistas, pois já está demasiado claro que é, apenas, uma questão de tempo, para que as consequências nefastas das previsões comecem a afetar, brutalmente, as nossas vidas e, principalmente, as vidas de nossos filhos e netos.

Os flagelos destruidores também ocorrem com o fim de fazer o homem avançar mais depressa. A destruição é necessária para a regeneração moral dos Espíritos, que adquirem, em cada nova existência, um novo grau de perfeição. "Esses transtornos são frequentemente necessários para fazerem que as coisas cheguem mais prontamente a uma ordem melhor, realizando-se em alguns anos o que necessitaria de muitos séculos." (3) Portanto, esses flagelos destruidores têm utilidade do ponto de vista físico, malgrado os males que

ocasionam, "pois eles modificam algumas vezes o estado de uma região; mas o bem que deles resulta só é geralmente sentido pelas gerações futuras." (4)

Sobre a questão de resgates coletivos, muitos autores espirituais explicam, que indivíduos envolvidos em crimes violentos, no passado e, também, no presente, a lei os traz de volta, por terem descuidado da ética evangélica. Retornam e se agrupam, em determinado tempo e local, sofrendo mortes acidentais de várias naturezas, inclusive nas calamidades naturais.

Assim, antes de reencarnarmos, sob o peso de débitos coletivos, somos informados, no além-túmulo, dos riscos a que estamos sujeitos, das formas pelas quais podemos quitar a dívida, porém, o fato, por si só, não é determinístico, até, porque, dependem de circunstâncias várias em nossas vidas a sua consumação, uma vez que a Lei de causa e efeito admite flexibilidade, quando o amor rege a vida e "o amor cobre uma multidão de pecados." (5)

Emmanuel explica que: "na provação coletiva, verifica-se a convocação dos Espíritos encarnados, participantes do mesmo débito, com referência ao passado delituoso e obscuro. O mecanismo da justiça, na lei das compensações, funciona, então, espontaneamente, através dos prepostos do Cristo, que convocam os comparsas na dívida do pretérito para os resgates em comum, razão por que, muitas vezes, intitulais - doloroso acaso - às circunstâncias que reúnem as criaturas mais díspares no mesmo acidente, que lhes ocasiona a morte do corpo físico ou as mais variadas mutilações, no quadro dos seus compromissos individuais." (6)

Aquele que se compraz na caminhada pelos atalhos do mal, a própria lei se incumbirá de trazê-lo de retorno às vias do bem. O passado, muitas vezes, determina o presente que, por sua vez, determina o futuro. "Quem com ferro fere, com ferro será ferido" - disse o Mestre. Porém, cabe a ressalva de que nem todo sofrimento é expiação. No item 9, cap. V, de O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec assinala: "Não se deve crer, entretanto, que todo sofrimento porque se passa neste mundo seja, necessariamente, o indício de uma

determinada falta: trata-se, frequentemente, de simples provas escolhidas pelo Espírito para sua purificação, para acelerar o seu adiantamento".(7) Portanto, o meio ambiente em que a alma renasceu, muitas vezes constitui a prova expiatória; com poderosas influências sobre a personalidade, faz-se indispensável que o coração esclarecido coopere na sua transformação para o bem, melhorando e elevando as condições materiais e morais de todos os que vivem na sua zona de influência".(8)

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, RJ: Ed. FEB, 1989

(2) Segundo pesquisa, desde 1980, Em Santa Catarina, ocorreram 3.375 decretações de situação de emergência e de estado de calamidade por desastres naturais. Com 1299 por enchentes, 555 por enxurradas, 502 por vendavais, 492 por estiagens. Em 1990, foi elaborado um plano de alargamento do rio Itajaí-Açu, e um canal de 10 km, que desviaria o curso do rio, desaguando o excesso de água no mar. Este projeto está parado no Congresso Nacional até hoje.

(3) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed. FEB, 1988. Perg. 737

(4) idem pergunta 739

(5) Cf. Primeira Epístola de Pedro Cap. 4:8

(6) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Perg. 250

(7) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, item 9, cap. V

(8) idem , questão 121

## Entrevista concedida ao centro espírita Joana D`Arc

JOANA D'ARC: Os conceitos espíritas estão na "moda". Isto é positivo para a Doutrina Espírita?

JORGE HESSEN: Não, jamais! Cabe aos espíritas, responsáveis pela coordenação do Movimento Espírita, uma ampla tarefa de divulgação das obras básicas da Doutrina, promovendo um estudo sistemático das mesmas, com destaque aos fundamentais aspectos que estão sendo colocados à margem, e que, inevitavelmente, as consequências são desastrosas. É indispensável que o programa de estudo sistematizado seja oferecido sem elitismo, pois levaria as mentes àquela condição antiga dos ocultistas, selecionando esoteristas, de exoteristas; iniciados, de profanos, mas, reunindo-os, todos, sob a mesma programação, em que cada qual haurirá o conhecimento dentro das suas possibilidades intelecto-morais, daí extraindo o indispensável para estabelecer, no íntimo, a verdadeira consolação.

Precisamos voltar às origens do Espiritismo, na sua plena singeleza. Já lemos nalguns textos doutrinários que muitos centros espíritas da Terra são catalogados, no além, como meros clubes . Isso é gravíssimo!

Somente nos estudos sérios e sistemáticos, no combate às adendas estranhas, no rechaço firme contra os modismos místicos, que têm corroído as planícies da Mensagem Consoladora, encontraremos um norte mais legítimo para o futuro do Espiritismo no Brasil. Até, porque, é impossível erigir-se um monumento doutrinário, como é o da Revelação Espírita, deixando-nos levar, a cada dia, por ideias que sopram de todos os lados, sem direção, qual vendaval, que, por onde passa, tudo destrói.

Trabalhemos, portanto, pela higienização doutrinária da

Casa Espírita. Ela será conquistada com a prática do estudo sistematizado da Doutrina, desde que ministrado democraticamente, ou seja, de modo que cada qual construa o seu saber na medida da sua evolução e do seu entendimento, porém, observada a orientação kardeciana.

JOANA D'ARC: O Espiritismo aos 150 anos atingiu sua maturidade entre nós?

JORGE HESSEN: Maturidade? ... Ainda está muito longínqua essa conquista. O Espiritismo, no Brasil, ainda é o grande desconhecido. Aqui, vendem-se livros "romanceados", amadoristicamente escritos, que se afirmam mediúnicos, mas, não ultrapassam a categoria de ficção literária, a "léguas" de distância dos romances com estruturação de legítima obra prima espírita.

Sabemos que o Espiritismo será o que os homens fizerem dele. O compromisso do Centro Espírita e dos dirigentes é com a Doutrina Espírita. A adoção de teorias e práticas exóticas, ou não afinadas com a simplicidade e pureza dos trabalhos espíritas, comprometem o objetivo da Casa Espírita e desorientam seus frequentadores e assistidos. Quando citamos a palavra "pureza", os "vanguardistas de carteirinha" arregalam os olhos o coçam as orelhas, exclamando: AH! Lá vem esse conservador de plantão!! Cabe salientar, porém, que André Luiz, em "Conduta Espírita", não deixa margem a dúvidas sobre isso, senão vejamos: "A PUREZA DA PRÁTICA DA DOUTRINA ESPÍRITA DEVE SER PRESERVADA A TODO CUSTO". Não percebo, ainda, essa tendência no País.

Sejamos maduros na busca da Unidade doutrinária, até, porque, ela foi a única e derradeira divisa de Allan Kardec, por ser a fortaleza intransponível do Espiritismo. Cento e cinquenta anos já se passaram, e, para tornarmos o Espiritismo inexpugnável, urge nos munirmos contra a infiltração de ideologias discutíveis nas fileiras espíritas, ligadas a movimentos incompatíveis com os são princípios e com as finalidades essenciais da Doutrina. Por essa razão, e por não ser tarefa das mais fáceis, as federativas estaduais ainda

encontram extremas dificuldades de realizarem o ideal da Unificação, sonhada por Kardec e Bezerra de Menezes, na Pátria do Evangelho. Isso, porque as trevas são poderosas e organizadas. Assestam suas armas para destruir o projeto doutrinário, ora, incrementando publicações de livros que jamais deveriam existir nas nossas hostes, ora, sugerindo a expulsão de Jesus dos nossos estudos, ora, menoscabando o valor do Pentateuco kardeciano.

JOANA D'ARC: Por que existem tantas pessoas interessadas em "modernizar" o Espiritismo?

JORGE HESSEN: Porque são muitos os pseudo-espíritas, infelizmente, infiltrados nos hostes doutrinárias, que pretendem "atualizar" Kardec. Muitas vezes, os Centros Espíritas se transformam em ilhas de isolamento, por falta de estudo sério, aprofundado e metodizado da Doutrina, donde surgem inúmeras interpretações equivocadas sobre os seus postulados, em prejuízo da verdade doutrinária. Se abraçamos o Espiritismo, por rota de crescimento espiritual, não podemos lhe negar fidelidade. Porém, é a lamentável falta de fidelidade aos conceitos e aos princípios do Espiritismo, que levam os vaidosos dirigentes ignorantes a difundirem, de forma truculenta, os conceitos fundamentais da nossa doutrina.

Infelizmente, o despreparo e os atavismos de muitos indivíduos fazem com que certas práticas, pouco condizentes com a pureza doutrinária, sejam implantadas em diversas instituições, e acabem, mesmo, divulgadas em palestras, livros e periódicos, supostamente, espíritas. Quem compreende essa situação deve trabalhar para modificá-la. A via mais segura, para isso, é a do esclarecimento, do estudo, do convencimento pela razão e pelo amor, jamais pela contemporização e nem pelos anátemas, óbvio!...

JOANA D'ARC: A "desobsessão por corrente magnética" é um "modismo" perigoso para a pureza doutrinária?

JORGE HESSEN: Não resta a menor dúvida! Essa prática

está sedimentada em bases falsas. Lemos, certa vez, o livro "Desobsessão por Corrente Magnética", da Editora Auta de Souza, e fiquei, não somente atônito, mas, também, muito triste, diante de tantas falácias. Sobre o livro, faço minhas as palavras de Cauci de Sá Roriz (casado com a sobrinha-neta de Eurípedes Barsanulfo), que escreveu o seguinte: "Ao contrário do que o livro afirma, Eurípedes Barsanulfo jamais realizou reuniões de corrente magnética. O saudoso Gilson de Mendonça Henriques, que implantou o método em Brasília, quando esteve em Sacramento, na década de 80, foi informado disso pelos parentes diretos de Eurípedes Barsanulfo, dentre eles o sobrinho, Saulo Wilson, ativo trabalhador da Doutrina. Eurípedes, quando muito, ao orar, permitia que os presentes se dessem as mãos e, nessas ocasiões, não havia comunicação de Espíritos superiores, nem inferiores, nem tratamento, nada que lembrasse corrente magnética.".

A proposta da corrente magnética parte de uma base falsa, qual seja, a de que o Espiritismo exista para "atender, na prática desobsessiva, a um grande número de pessoas, sendo necessário "desenvolver e aplicar métodos voltados para as multidões". Que horror!!

Os divulgadores de tais práticas afirmam que corrente magnética desobsessiva nada mais é do que a corrente magnética dos magnetizadores. É óbvio que isso não corresponde à verdade, nada a ver!

A corrente magnética dos magnetizadores visava, exclusivamente, à cura de males físicos. Não havia manifestação mediúnica. A falácia apregoada no livro pretende a desobsessão, com a recepção, ainda que rapidamente, da entidade obsessora. A diferença de métodos e objetivos é absoluta.

A "bíblia" dos correntes magnetizadores informa que Allan Kardec abordou - e é verdade - a questão da corrente magnética, mas deixa de esclarecer que o significado do termo, dado pelo codificador, é completamente diverso do sentido dado pelo tal livro. Kardec, ao falar de corrente magnética, alude tão-somente à ligação fluídica existente entre os componentes, encarnados e desencarnados, de um grupo

mediúnico, e não a um método para desobsidiar multidões.

Pasmem! O autor da obra afirma, com todas as letras, que "Não queremos tirar a respeitabilidade dos métodos conhecidos. Queremos é avançar" (!?). Olhem, aí, o modismo. O livro traz tantas esquisitices, que me poupo de continuar respondendo. Mas, em respeito ao trabalho de Kardec e dos Espíritos da Codificação, seria bom que evitássemos trazer para as nossas Casas Espíritas toda e qualquer novidade que surja. "Melhor é rejeitar dez verdades, do que admitir uma única falsidade" (Erasto, em "O Livro dos Médiuns", cap. XX, item 230, § 6º). Há inumeráveis questionamentos sobre corrente magnética, ainda não esclarecidos. Os Espíritos Superiores ainda não nos enviaram orientação a esse respeito. Sejamos, pois, prudentes! Antes de implantarmos novidades em nossa Casa Espírita, tenhamos a humildade suficiente para acatarmos tão-somente a orientação que nos foi permitida, transmitida pelo Espírito Verdade. Melhor assim, para não comprometermos a Doutrina e a nós próprios.

JOANA D'ARC: Quando e como o senhor iniciou seu trabalho como divulgador espírita?

JORGE HESSEN: Na década de 80, criei um informativo doutrinário, em Cuiabá, intitulado "Luz na Mente". À época, compus o Conselho Editorial do Jornal Mato Grosso Espírita da Federação de Mato Grosso. Na década de 90, já residindo em Brasília, participei da editoria do Jornal União da Federação Espírita do DF, e, a convite do Presidente, assumi a divulgação doutrinária, por dois anos, no Jornal laico Correio Braziliense. Escrevi, no início de 1990, ainda em Mato Grosso, o Livro "Praieiro, um Peregrino nas Terras do Pantanal". Passei a escrever para "O Médium", de Juiz de Fora, "O Espírita", de Brasília, "O Reformador", da FEB, e muitos outros jornais e revistas. Com o tempo, fui encontrando artigos, meus, na internet. Reinaldo, um amigo carioca, encontrando meus trabalhos na rede mundial de computadores, fez-me uma proposta. Criaria um site, onde hospedaria todos os meus trabalhos, dispersos em vários sites. Em dezembro, de 2005,

presenteou-me com um site (http://jorgehessen.net) e, atualmente, estamos com todos os artigos publicados nele. Todos os textos estão sendo traduzidos para o espanhol, por Merchita, uma confreira que reside em Madri, que, ainda, não conheço pessoalmente. Os mesmos artigos estão sendo traduzidos para o inglês, por Vânia, outra colaboradora do nosso site.

JOANA D'ARC: O senhor acha que era mais difícil atuar no Espiritismo até 1950, com toda falta de informações ou no século XXI com o liberalismo existente?

JORGE HESSEN: Sob o enfoque qualitativo, a liberalidade informativa atual preocupa muito. O estudo sério dos conceitos foi para as calendas gregas. A despeito das enxurradas de informações espíritas atuais, elas não se comparam às informações veiculadas, às duras penas, antes da década de 60. Os estoicos pioneiros do Espiritismo se reuniam em pequenos grupos familiares para o estudo permanente da doutrina e, pelo exemplo digno, aos poucos, foram conquistando adeptos fiéis. Por isso, em que pese as dificuldades tecnológicas do ontem, em termos quantitativos, a eles, os desbravadores de antanho, devemos a chegada do Espiritismo até nossos dias. Portanto, cabe, a nós, a defesa intransferível do precioso legado da simplicidade doutrinária dos tempos idos.

JOANA D'ARC: O surgimento das Associações Médicas Espíritas é positivo ou elitizam o Espiritismo de forma preocupante?

JORGE HESSEN: Sobre esse assunto, escrevi no meu site: quando pensamos nos milhares de espíritas de pouca cultura, humildes e materialmente pobres, porém, verdadeiros vanguardeiros da Terceira Revelação; quando imaginamos que o edifício doutrinário se mantém firme em face do amor desses lídimos baluartes do Evangelho, impossível não nos entristecermos, quando se trombeteia, em nossas hostes, os

excessos de consagração das elites culturais.

A presença do elitismo, nas atividades doutrinárias, nos expõe à dogmatização dos conceitos espíritas, sob forma de Espiritismo para pobres, para ricos, para intelectuais, para incultos.

Precisamos fugir da tendência à elitização, no seio do movimento espírita, porque o Espiritismo veio para todos, sem exceção. Chico Xavier dizia que, se não nos precavermos, daqui a pouco estaremos em nossas Casas Espíritas, apenas, falando e explicando o Evangelho de Cristo às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou para os intelectuais.

Acompanhamos, com muita reserva, o surgimento de várias associações espíritas de: jornalistas, psicólogos, pedagogos, escritores, magistrados, médicos, etc.. Esse espírito corporativista é inaceitável sob a ótica cristã. Aliás, corporações, essas, que promovem elegantes eventos (quase sempre, cobrando-se taxas de inscrição) para aguçar a vaidade de alguns confrades, que não perdem a oportunidade de atrair, para si, os holofotes da "fama".

Portanto, devemos primar pela simplicidade doutrinária, evitando tudo aquilo que lembre castas, discriminações, evidências individuais, privilégios injustificáveis, imunidades, prioridades, etc.. Repensemos, portanto, sobre as associações de profissionais A, B, ou C...

A propósito, você conhece alguma associação espírita de carpinteiros, marceneiros, lavadeiras, passadeiras, garis, pedreiros, serventes, motoristas de táxi, ambulantes, etc., etc., etc.? Por mais respeitáveis os títulos acadêmicos que tenhamos conquistado, não hesitemos em nos confundir na multidão, para aprendermos a viver, com ela, a grande mensagem esquecida: somos, todos, filhos de um único PAI. Portanto, somos todos irmãos, em iguais condições para o crescimento espiritual.

JOANA D'ARC: Um seminário espírita organizado num salão de convenções cobra uma taxa. Qual o problema que isso acarreta?

JORGE HESSEN: Os eventos espíritas devem ser realizados, gratuitamente, sempre. Que esses eventos sejam estruturados sobre programação aberta a todos, visando, única e exclusivamente, à propagação correta da doutrina. Normalmente, esses eventos pagos se transformam em ribalta de competição entre os prováveis intelectuais e os que possuem uma titulação acadêmica qualquer, como um "passaporte" para traduzirem "melhor" os conceitos kardecianos. Não consigo entender esse Espiritismo que nos querem impor. Sinceramente, não compreendo Espiritismo sem Jesus e sem Kardec para todos, com todos, e ao alcance de todos. O projeto da Terceira Revelação tem que alcançar os fins a que se propõe, e, não, somente para quem possa pagar.

É preciso que nós, os espíritas já esclarecidos, compreendamos que não podemos nos distanciar do povo. É preciso fugir da tendência à "elitização" no seio do movimento espírita. É necessário que os dirigentes espíritas, principalmente os ligados aos órgãos unificadores, compreendam e sintam que o Espiritismo veio para o povo e com ele dialogar. É indispensável que estudemos a Doutrina Espírita junto com as massas, que amemos todos os companheiros, mas, sobretudo, os espíritas mais humildes, social e intelectualmente falando, e deles nos aproximarmos com real espírito de compreensão e fraternidade, enfatizava Chico Xavier.

JOANA D'ARC: Apometria. O que é e quais as suas complicações nas reuniões mediúnicas?

JORGE HESSEN: O médico José Lacerda, nos anos 50, começou a realizar, numa pequena sala do Hospital Espírita de Porto Alegre, chamada "A Casa do Jardim", atividades mediúnicas normais. Com o tempo, ele recebeu instruções de uns espíritos (?) e realizou investigações pessoais que desaguaram em uma prática, cujo nome é "Apometria", que, aliás, nada tem a ver com Espiritismo. As suas práticas estão em total desacordo com as recomendações de "O Livro dos Médiuns", pois, segundo os livros que têm sido publicados, apometria é um passo avançado no movimento Espírita e,

consequentemente, Allan Kardec está ultrapassado.(sic) Dizem (pasmem!!) que Allan Kardec foi a proposta para o século XIX e meados do século XX e, para os dias atuais, a apometria é um degrau acima. Logo, Allan Kardec está em um degrau abaixo. Que absurdo! A prática e os métodos de libertação dos obsessores, a violência que os ditos métodos apresenta, são chocantes. Quando as entidades são rebeldes, os apômetras, depois de realizarem uma contagem cabalística, ou após terem um gestual muito específico, expulsam esses espíritos, de forma violenta, para o magma da Terra. Eles são colocados em cápsulas espaciais, que disparam para o mundo da erraticidade. Não quero examinar a questão esdrúxula desse comportamento. A Casa Espírita não é uma clínica alternativa, nem tampouco, uma escola de ilusão. Tenho certeza de que aqueles que adotam esses métodos novos, primeiro: não conhecem Kardec; segundo: se afirmam conhecer, não vivenciam os preceitos doutrinários exigidos. Aceitar essas bizarras práticas é desmentir todo o material revelado pelo mundo espiritual, nesses 150 anos de Codificação. Então, se alguém prefere a apometria, divorcie-se do Espiritismo. Optar é direito de cada um! Não misturem as coisas, para não confundirem as mentes desavisadas, e o Espiritismo agradece. A nossa tarefa é a de iluminar, e, não, a de eliminar. Não somos contra as pessoas que praticam a Apometria, as "desobsessões" por corrente magnética, ou aqueles outros tantos nomes esquisitos e pseudo-científicos de que temos notícia. Rejeitamos, sim, o fato de afirmarem essas práticas, como sendo Espiritismo. Como espíritas, temos o dever de zelar pela proposta Espírita. Eu, na condição de escritor espírita, já há vários anos, a responsabilidade ainda é maior. Graças às boas sementes que tenho lançado em terras férteis, sempre atento aos princípios básicos da doutrina, os frutos têm sido, todos, colhidos da árvore do amor e da caridade. Não entrarei no mérito dos métodos, que são bastante chocantes para a nossa mentalidade espírita, que não admite ritual, gestual, gritaria, nem determinados comportamentos, porque a única força é aquela que vem de dentro, ou seja, o amor. Para essa classe de espíritos são necessários jejum e oração, disse-nos

Divaldo Franco, no Programa Presença Espírita, da Rádio Boa Nova em Agosto/2001. Merece reflexão o tema.

JOANA D'ARC: O surgimento a cada dia de um novo escritor espírita é positivo ou negativo?

JORGE HESSEN: Depende do que se escreve. Eu, por exemplo, estou nesse rol de novo escritor e não me considero autor de qualquer tarefa negativa para o Projeto Espírita. Se surgissem, todos os dias, bons escritores, que lessem e traduzissem bem a proposta doutrinária, divulgando-as com coragem e honestidade, é óbvio que seriam de extrema importância. Agora, abro aqui um parênteses: existem muitos escritores que, a bem da verdade, melhor seria que frequentassem as casas espíritas na condição de ouvintes, por 50 anos, pelo menos.

JOANA D'ARC: O senhor acha que os dirigentes espíritas atuais não estudam Allan Kardec como deveriam estudar?

JORGE HESSEN: É evidente a falta de preparo deles! Basta que observemos o destino que estão dando às Casas Espíritas. Os senhores também não têm dúvida alguma sobre esse fato, haja vista a estruturação dos seus questionamentos, que denota a certeza de que já diagnosticaram a suprema e infeliz ignorância que reina entre os dirigentes dos Centos Espíritas, daí a lógica dessa sequência de perguntas a mim dirigidas.

JOANA D'ARC: A "luta" de alguns "espíritas" para provar que Chico Xavier foi a reencarnação de Allan Kardec vai levar a que?

JORGE HESSEN: Vai levar a nada. Não entendo por que foi publicada uma obra para "revelar" uma informação tão inoportuna, dispensável e, absolutamente controversa,(?), pois induz a grande maioria dos leitores à dissenção, portanto à separação e discussões estéreis. Se eu fosse o médium, em questão, mandaria recolher todos os livros publicados e apresentaria, humildemente, as minhas desculpas a todos os

leitores e espíritas do País em nome da concórdia pelo menos. Enfim, cada cabeça, uma sentença e, a cada um, segundo suas obras!

JOANA D'ARC: Uma mensagem para os nossos leitores.

JORGE HESSEN: Que Jesus nos abençoe sempre. Agradeço o carinho dos senhores membros do c.e Joana Darc". Sugiro uma reflexão: Sabemos que não é fácil a vigília da pureza doutrinária, porém a própria experiência humana não é uma estação de prazer, por isso, continuemos trabalhando no ministério do Cristo, recordando com Emmanuel que, por servir aos outros, com humildade, sem violências e presunções, Ele foi tido por imprudente e rebelde, transgressor da lei e inimigo da população, sendo escolhido, por essa mesma multidão, para receber, com a cruz, a gloriosa coroa de espinhos, mas, sob o influxo do bom ânimo, Ele venceu o mundo! O sacrifício Dele não deve ser apreciado, tão-somente, pela dolorosa expressão do Calvário, reforça Emmanuel. O Gólgota representou o coroamento da obra do Senhor, mas o sacrifício, na sua exemplificação, verificou-se em todos os dias da sua passagem pelo planeta. Numerosos discípulos do Evangelho consideram que o sacrifício do Gólgota não teria sido completo sem o máximo de dor material para o Mestre Divino. Entretanto, a dor material é um fenômeno como o dos fogos de artifício, em face dos legítimos valores espirituais. Homens do mundo, que morreram por uma ideia, muitas vezes não chegaram a experimentar a dor física, sentindo, apenas, a amargura da incompreensão do seu ideal. Imaginai, pois, o Cristo, que se sacrificou pela Humanidade inteira, e chegareis a contemplá-Lo na imensidão da sua dor espiritual, augusta e indefinível para a nossa apreciação restrita e singela.

Em realidade, qualquer palavra, expressão poética, artística, filosófica ou qualquer louvor em Sua memória significarão apagada homenagem, em face do que Ele representa para cada um de nós.

## Mortes antecipadas

Não raras vezes, encontramos famílias em que desencarnam crianças e jovens enquanto os idosos permanecem encarnados. Há, também, muitas existências que são frustradas desde o berço, "não por simples punição da natureza, mas porque a própria Lei Divina funciona em todos nós, desde que todos existimos no hausto do Criador."(1) Há aqueles que passam pela experiência, porém, revoltam-se e blasfemam: "Deus não é justo, pois sacrifica o que tem todo o futuro pela frente, para conservar os que já viveram longos anos".(2) Em razão desses fatos, Kardec indagou aos espíritos "Qual a utilidade das mortes prematuras?" (3) - explicaram os Benfeitores - "As mais das vezes servem como provação para os pais."(4) Todavia, alguns insistem em dizer que é uma terrível tragédia ver uma vida, tão cheia de esperanças, ser ceifada prematuramente! Porém, a quais "esperanças" se referem? Aos lauréis acadêmicos, onde aquele que desencarnou poderia fazer-se admirar, conquistar uma brilhante carreira, fama e fortuna? "Sempre essa visão estreita, que não consegue elevar-se acima da matéria! Sabemos qual teria sido o destino dessa vida, tão cheia de esperanças, segundo entendemos? Será que é mais importante um lugar de destaque entre os homens que entre os Espíritos bem-aventurados?” (5)

Pacifiquemos a consciência em vez de chorar, quando for da vontade de Deus retirar um de nossos filhos deste planeta de expiações acérrimas. "Não seria egoísmo desejar que ele fique para sofrer conosco? Ah! Essa dor se concebe entre os que não têm fé e que veem na morte a separação eterna." (6) Para ajuizarmos qualquer situação com imparcialidade, é importante que lhe identifiquemos as consequências com base em algumas variáveis que procedem da razão. Dessa maneira, para melhor apreciarmos o que, a rigor, é bom ou ruim para nós, é

indispensável que nos transportemos para além da vida material, porque, é na dimensão espiritual que as consequências se fazem sentir.

Na vida física, há muitas viciações que levam as criaturas à subjugação a pessoas e situações, arruinando-lhes o próprio corpo ou os aniquilando, impondo-lhes a morte prematura. Com o acicate da consciência, provocam processos degenerativos e desajustes nos centros essenciais do corpo perispiritual, notadamente naqueles que comandam as estruturas funcionais: do córtex encefálico, das glândulas endocrínicas, da organização emotiva e do sistema hematopoético (formação e desenvolvimento das células sanguíneas).

Em razão do impacto da desencarnação, prematuramente provocada, os recursos do universo psicossomático entram em colapso, sob traumatismo profundo, para o qual não há termo correlato na diagnose humana. A prática de comportamentos de risco à saúde e à própria vida (inatividade física, tabagismo, dieta inadequada, abuso de bebidas alcoólicas e conduzir veículos automotores de forma imprudente, etc.) é responsável por uma significativa aceleração do tempo, antecipando a morte física. Cometem o que poderíamos nominar de "suicídio não intencional", os que se entregam a todos os tipos de vícios; são ainda suicidas involuntários os glutônicos (que não comem para viver, mas vivem para comer), ocasionando acúmulo de substâncias deletérias ao organismo (colesterol, glicose, lipídios, etc.), propiciando o desencadeamento de doenças (arteriosclerose, diabete, obesidade, etc.), com todas as suas sequelas, e que levam, inevitavelmente, ao óbito antecipado.

Fazemos, aqui, um breve parênteses sobre o tabagismo. Sabemos que, se alguém fuma excessivamente, o cigarro pode desencadear um enfisema ou um câncer de pulmão, por exemplo, se existirem causas predisponentes ou, em caso contrário, surgirem, sem que tivesse havido qualquer eleição anterior do reencarnado ou da espiritualidade; a consequência inevitável, a morte prematura, também não correspondente a um processo estabelecido no planejamento da recorporificação do Espírito. O mau uso de seu livre arbítrio é o que determina aquela fatalidade, o infortúnio. Além dos problemas

pulmonares, um levantamento efetuado nos Estados Unidos, na década de 90, por pesquisadores da área de saúde pública, "apontou o fumo como o principal fator de risco para antecipar o dia da morte, provocada por todos os tipos de doenças cardiovasculares (principal causa de morte prematura nos países industrializados)."(7)

Historicamente, o compositor Frederico Chopin revelou, precocemente, uma genialidade para a música e se tornou um dos mais celebrados compositores do período Romântico, deixando uma obra artística profunda, sólida, carregada de emotividade e beleza sutil. Entretanto, levou uma vida, até certo ponto, desregrada, que, aliada a uma saúde frágil, fez com que tivesse uma desencarnação antecipada aos 39 anos. Na década de 30, Chopin inicia uma aproximação espiritual com a médium Yvonne Pereira, deixando uma profunda marca na vida dessa notável espírita, registrada em sua obra "Devassando o Invisível". As considerações tecidas por Yvonne merecem profunda meditação, pois, para ela, "Chopin revelou que sua missão falhou, em parte, por ter dado atenção, de modo exclusivo, ao campo artístico, esquecendo de desenvolver, de modo mais pleno, o amor a si próprio e ao semelhante, portanto, sua entrega, sem relutância, aos costumes e excessos da época, ocasionou sua morte prematura, o que lhe valeu a situação de suicida inconsciente no Mundo Espiritual." (8)

Concebemos que muitas situações, que denominamos de infelicidade, segundo acanhadas interpretações, cessam com a vida física e encontram a sua compensação na vida além-túmulo. Será verdade isso? A Doutrina Espírita conceitua a infelicidade sob um prisma diferente, ou seja: no reverso do conceito de felicidade, isto é: infelicidade pode ser a alegria, o prazer, a vã agitação, a satisfação louca da vaidade, que fazem calar a consciência, que comprimem a ação do pensamento, que atordoam o homem com relação ao seu futuro. É o ópio do esquecimento que ardentemente procuramos conseguir. " 9) A Deus não se engana; não se foge ao destino; nós é que espreitamos o prazer do repouso ilusório e nos deparamos imergindo, de súbito, na agonia da verdadeira infelicidade,

naquela que surpreende a alma amolentada pela consciência de culpa, pela indiferença e pelo egoísmo.

Na vida, tudo tem nexo causal, isto é, uma relação que une a causa ao efeito, o que equivale a afirmar que o acaso não deve constar do dicionário espírita. Portanto, todas as dores e dissabores que nos alcançam, analisando-os melhor, sempre encontraremos neles "a razão divina, razão regeneradora, e nossos interesses representarão uma consideração secundária, que relegaremos ao último plano." (10) Muitas vezes, "a morte é preferível, mesmo numa encarnação de vinte anos, a esses desregramentos vergonhosos [explicam os Espíritos] que desolam as famílias respeitáveis, ferem um coração de mãe, e fazem branquear, antes do tempo, os cabelos dos pais." (11) Aquele que desencarna na flor da idade não é uma vítima da fatalidade, pois Deus julga que não lhe será útil permanecer, por mais tempo, na Terra.

Em verdade, a morte prematura, tanto pode estar vinculada a erro grave desta existência, ou a faltas de existência pretérita. A exemplo das almas culpadas, que transgrediram a Lei geral que vige os destinos das criaturas e retornam à carne, para recomporem a consciência ante o deslize, encontram-se, irrefutavelmente, os ex-suicidas (conscientes ou inconscientes) que necessitam do contato com os fluidos materializados do planeta, para refazerem a sutil estrutura eletromagnética de seu corpo espiritual. Há casos de desencarnações precoces que não estão inseridos no processo de resgate do passado delituoso e configuram sim, ações meritórias de Espíritos missionários que renascem para viverem poucos anos em contato com a carne em função de tarefas espirituais relevantes. É o que afirma André Luiz: "Conhecemos grandes almas que renasceram na Terra por brevíssimo prazo, simplesmente com o objetivo de acordar corações queridos para a aquisição de valores morais, recobrando, logo após o serviço levado a efeito, a respectiva apresentação que lhes era costumeira." (12)

Aos espíritas, que já compreendem a vida espiritual, auscultem seu coração, e vejam os viciados, não como delinquentes, mas, como pessoas que se enfraqueceram diante

da vida. "E se pedirmos a Deus para os abençoar, sentiremos em nós mesmos a consolação poderosa que faz secarem as lágrimas, e essas aspirações sedutoras, que nos mostram o futuro prometido pelo soberano Senhor."(13)

Referências bibliográficas:


(1) Estudo sobre Morte das crianças em tenra idade e dos Jovens disponível em http://www.guia.heu.nom.br/morte_de_crian%C3%A7as_e_jovens.htm, acesso em 18-02-09

(2) Kardec, Allan. Evangelho Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Cap. V - Bem Aventurados os Aflitos

(3) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001 questão n° 346 a 347

(4) idem:

(5) Kardec, Allan. Evangelho Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001,Cap. 5 - IV - Perda de Pessoas Amadas e Mortes Prematuras

(6) idem

(7) http://www.scielosp.org/scielo

(8) PEREIRA, YVONNE A. Devassando o Invisível. 6a Ed. Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1985

(9) Kardec, Allan. Evangelho Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001 Delfina de Girardin. (Paris, 1861.)

(10) Kardec, Allan. Evangelho Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001,Cap. 5 - IV - Perda de Pessoas Amadas e Mortes Prematuras

(11) idem

(12) Xavier, Francisco Cândido. Entre a Terra e o Céu, ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed FEB 1988 Xavier

(13) Kardec, Allan. Evangelho Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Cap. 5 - IV - Perda de Pessoas Amadas e Mortes Prematuras

**Suicídio - Um mergulho no escuro sobre um precipício de brasas**

Sob o ponto de vista sociológico, o suicídio é um ato que se produz no marco de situações anômicas, em que os indivíduos se veem forçados a tirar a própria vida para evitar conflitos ou tensões inter-humanas, para eles insuportáveis. Émile Durkheim registra que a causa do suicídio quase sempre é de matriz social, ou seja, o ser individual é abatido pelo ser social. Absorvido pelos valores (sem valor), como o consumismo, a busca do prazer imediato, a competitividade, a necessidade de não ser um perdedor, de ser o melhor, de não falhar, o homem se afasta de si mesmo e de sua natureza. Sobrevive de "aparências", para representar um "papel social" como protagonista do meio. Nessa vivência neurotizante, ele deixa de desenvolver suas potencialidades, não se abre, nem expõe suas emoções e se esmaga na sua intimidade solitária.(1)

A simples ideia, e uma vez contínua, leva o indivíduo à fascinação, à subjugação, e, por fim, ao suicídio. Emmanuel ensina que o suicídio é como alguém que pula no escuro sobre um precipício de brasas. Após o ato, sobrevêm ao infeliz a sede, a fome, o frio, o cansaço, a insônia, os irresistíveis desejos carnais, a promiscuidade e as tempestades com constantes inundações de lamas fétidas.

Refletindo sobre a questão 945 de "O Livro dos Espíritos", que pensar do suicídio que tem por causa o desgosto da vida? Os Espíritos responderam: "Insensatos! Por que não trabalhavam? A existência não lhes seria uma carga!"(2)

Sabemos que o suicida, além de sofrer no mundo espiritual as dolorosas consequências de seu gesto impensado, de revolta diante das leis da vida, ainda renascerá com todas as sequelas físicas daí resultantes, e terá que arrostar, novamente, a mesma situação provacional que a sua flácida fé e

distanciamento de Deus não lhe permitiram o êxito existencial.

É preciso ter calma para viver, até porque, não há tormentos e problemas que durem para sempre. Recordemos que Jesus nos assegurou que "O Pai não dá fardos mais pesados que os ombros".

O suicídio é a mais desastrada maneira de fugir das provas ou expiações pelas quais devemos passar. É uma porta falsa em que o indivíduo, julgando libertar-se de seus males, precipita-se em situação muito pior. Arrojado violentamente para o Além-túmulo, em plena vitalidade física, revive, intermitentemente, por muito tempo, os acicates de consciência e sensações dos derradeiros instantes, além de ficar submerso em regiões de penumbras, onde seus tormentos serão importantes para o sacrossanto aprendizado, flexibilizando-o e credenciando-o a respeitar a vida com mais empenho.

A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário às leis da Natureza. Todas asseveram, de primeiro, que ninguém tem o direito de abreviar, voluntariamente, a vida. Entretanto, por que não se tem esse direito? Por que não é livre o homem de pôr termo aos seus sofrimentos? Ao Espiritismo estava reservado demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram , que o suicídio não é uma falta somente por constituir infração de uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas, também, um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica, antes o contrário é o que se dá, como no-lo ensinam, não a teoria, porém os fatos que ele nos põe sob as vistas.

Não há como falar do assunto sem evocarmos o sociólogo Emile Durkheim, que afirma existirem homens capazes de resistir a desgraças horríveis enquanto outros se suicidam depois de aborrecimentos ligeiros. Seria importante investigar a causa desta resistência diversa e o que contribui para essa estrutura maior ou menor. Interessante anotar que é nas épocas em que a vida é menos dura que as pessoas a abandonam com mais facilidade. (3)

Considerada a doença do século, responsável por muitos dos suicídios, a depressão tem preocupado os especialistas. Os psiquiatras estimam que de cada grupo de 100 pessoas, 15 têm

a probabilidade de desenvolver a depressão, e que é um distúrbio que ocorre por causa da alteração de substâncias como a serotonina e a noradrenalina. O quadro depressivo é gerado por mudanças na produção e utilização dos neurotransmissores cerebrais (noradrenalina, interferona, serotonina e dopamina - atualmente, já são conhecidas 64 substâncias do cérebro). Quando sua produção ou forma de produção se altera, pode gerar a depressão e, daí, para o suicídio é uma porta escancarada.

O suicida é, antes de tudo, um deprimido, e a depressão é a doença da modernidade. O suicida não quer matar a si próprio, mas alguma coisa que carrega dentro de si e que sinteticamente pode ser nominado de sentimento de culpa e vontade de querer matar alguém com quem se identifica. Como as restrições morais o impedem, ele acaba se autodestruindo. Assim "o suicida mata outra pessoa que vive dentro dele e que o incomoda profundamente. A obsessão poderia ser definida como um constrangimento que um indivíduo, suicida em potencial ou não, sente, graças à presença perturbadora de um ser espiritual. Vale a pena ler a descrição feita por Allan Kardec". (4)

Diversas são as obras que comentam o assunto. Temos como exemplo: "O Martírio dos Suicidas", de Almerindo Martins de Castro, e "Memórias de um Suicida", de Yvonne A. Pereira. Por outro lado, não podemos esquecer que Allan Kardec, em o livro "O Céu e o Inferno" ou "A Justiça divina segundo o Espiritismo", deixa enorme contribuição em exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual e, especificamente, no capítulo V, da Segunda parte, onde aborda a questão dos suicidas.

É verdade que após a desencarnação não há tribunal nem Juízes para condenar o espírito, ainda que seja o mais culpado. Fica ele, simplesmente, diante da própria consciência, nu perante si mesmo e todos os demais, pois nada pode ser escondido no mundo espiritual, tendo o indivíduo de enfrentar suas próprias criações mentais.

Referências bibliográficas:

(1) Durkheim, Emile. Título: El SUICÍDIO. P.imprenta: Tlahuapan, Puebla. Premiá. 1987. 343 p. Edición; 2a ed. Descriptores: SUICÍDIO. Sociología. Aspectos psicológicos

(2) Kardec, Allan, O Livro dos Espíritos, RJ: Ed FEB, 2001, perg. 945

(3) _______, Emile. Título: El SUICÍDIO. P.imprenta: Tlahuapan, Puebla. Premiá. 1987. 343 p. Edición; 2a ed. Descriptores: SUICÍDIO. Sociologia. Aspectos psicológicos

(4) Kardec, Allan, O Livro dos Médiuns, RJ: 44º ed. Ed FEB, 1981, cap. 23

**Legítima família se perpetua no infinito, através dos laços imperecíveis do espírito**

"Mas se alguém não tem cuidado dos seus e principalmente dos da sua família, negou a fé e é pior do que o infiel." (1)

Segundo informações da mídia, existem escolas que estão recriando o famoso "Dia dos Pais", comemorado, tradicionalmente, no segundo domingo do mês de agosto. O fato (recriação) tem o seu nascedouro na diversidade atual das configurações familiares, o que obriga às instituições de ensino inovar a celebração da data para atender à nova realidade familial.

As novas estruturas familiares clamam por medidas alternativas, que obrigam os estabelecimentos de ensino a repensar comemorações tradicionais, e atender, satisfatoriamente, aos casais separados que compartilham a guarda dos filhos, e/ou solteiros que resolvem adotar crianças, evitando-se, assim, situações constrangedoras. Por isso, algumas escolas têm adotado ritos comemorativos heterodoxos que assinalem o chamado "Dia dos Pais". Uma das alternativas encontradas foi criar o "Dia da Família", solenidade em que as crianças levam para a escola os familiares que elas desejarem, e/ou a comemoração do "Mês da Família", evento em que as crianças utilizam desenhos e histórias para que elas expressem suas vivências familiares no ambiente escolar durante o mês. (2)

O tema nos remete a refletir sobre a família. Sabemos que a família é a célula mais importante do organismo social. É constituída por inúmeras regras sociais e modelos comportamentais que integram seus membros em um sistema dignificador de desenvolvimento e de conquistas, cuja principal função é aprimorar o Espírito, lapidando as arestas das imperfeições e sutilizando o sentimento de amor, para que os

indivíduos se mantenham ajustados em favor da ordem, do progresso e do bem-estar de toda a sociedade. Sendo o núcleo natural e fundamental da sociedade, a família tem direito à proteção, não só do Estado, mas, da própria sociedade, igualmente. Desse fato, defluem conclusões evidentes: primeiro, que a família não é só aquela, tradicionalmente, constituída pelo casamento, tendo os mesmos direitos as demais entidades familiares socialmente constituídas; segundo, que ela (a família) não é célula do Estado (domínio da política), mas da sociedade civil, não podendo o Estado tratá-la como parte sua; a família é concebida como espaço de realização da dignidade das pessoas humanas.

Outro fato importante, e que merece destaque, é a emancipação feminina, principalmente econômica e profissional, que modificou, substancialmente, o papel que era destinado à mulher no âmbito doméstico e remodelou a família. A família está se adaptando às novas circunstâncias, assumindo um papel mais concentrado na qualidade das relações pessoais e nas aspirações para uma vida mais feliz. Destarte, nesse contexto, a família sofreu, nas últimas décadas, profundas mudanças de função, natureza, composição e, consequentemente, de concepção. A família patriarcal, que nossa tradição tomou como modelo, ao longo do século XX, entrou em crise, culminando com sua derrocada. E não há como desconhecermos que a família atual está matrizada em um fundamento emocional: a afetividade. Desse modo, enquanto houver affectio haverá família, unida por laços de liberdade e responsabilidade, desde que consolidada na simetria, na colaboração, na comunhão de vida não hierarquizada. Portanto, a realização pessoal da afetividade e da dignidade humana, no ambiente de convivência e solidariedade, passa a ser função básica da família de nossa época.

Por outro lado, vale neste ponto analisar que estamos numa etapa histórica de profundas transformações, em que os valores, que regem a sociedade, estão sendo questionados. "Como nos dias atuais nunca se buscou tanto o prazer e a satisfação doentia das paixões, contudo, ao mesmo tempo,

nunca se sentiu tanta falta de orientação e amparo à família que possam preparar o homem para a modernidade, sem levá-lo à bancarrota moral." (3) Portanto, a família está se modificando e, atualmente, tal metamorfose tem se tornado preocupante, pois muitas vezes a sociedade não está preparada para tal, assim como seus membros podem não estar preparados, psiquicamente, para enfrentar os apelos da sociedade.

Em Allan Kardec temos magistral questão: "Pode considerar-se como missão a paternidade? É, sem contestação possível, uma verdadeira missão. É ao mesmo tempo grandíssimo dever e que envolve, mais do que o que pensa o homem, a sua responsabilidade quanto ao futuro". (4) É comum, hoje, e muito preocupante, os filhos terem convivência com apenas um dos genitores devido à separação judicial (divórcio), pois a relação da criança com um(a) único(a) genitor(a) pode se transformar em um vínculo de exclusividade causado pela superproteção do(a) mesmo(a), principalmente em se tratando de filhos únicos, não havendo lugar para mais um(a) na relação e causando à criança uma dificuldade de compartilhar afeto com os outros. Para tanto, é muito importante a rede social, pois, assim, é possível ampliar seus vínculos afetivos, permitindo um intercâmbio de afeição com outra criança, vivenciando a experiência gratificante do amor fraterno. Conforme preceitua a Doutrina Espírita, devemos começar, na intimidade do templo doméstico, a exemplificação dos princípios que esposamos, "com sinceridade e firmeza, uniformizando o próprio procedimento, dentro e fora dele, posto que a fé espírita no clima da família é a fonte do Espiritismo no campo social." (5)

Voltando à questão familiar e de parentela, a rigor, devemos "melhorar, sem desânimo, os contatos diretos e indiretos com os pais, irmãos, tios, primos e demais parentes, nas lides do mundo, para que a vida não venha a nos cobrar novas e mais enérgicas experiências em encarnações próximas. O cumprimento do dever, criado por nós mesmos, é lei do mundo interior a que não poderemos fugir." (6) A família é uma reunião espiritual no tempo, e, por isso mesmo, o lar é um santuário. Muitas vezes, mormente na Terra, vários de seus

componentes se afastam da sintonia com os mais altos objetivos da vida; todavia, "quando dois ou três de seus membros aprendem a grandeza das suas probabilidades de elevação, congregando-se intimamente para as realizações do espírito eterno, são de esperar maravilhosas edificações." (7) O ínclito mentor Emmanuel, nos chama a atenção, dizendo que "a família consanguínea, entre os homens, pode ser apreciada como o centro essencial de nossos reflexos. Reflexos agradáveis ou desagradáveis que o pretérito nos devolve. "(8)

A estrutura familiar tem suas matrizes na esfera espiritual. Em seus vínculos, juntam-se todos aqueles que se comprometeram, no Além, a desenvolver na Terra uma tarefa construtiva de fraternidade real e definitiva. Preponderam nesse instituto divino os elos do amor, fundidos nas experiências de outras eras. Todavia, aí acorrem, igualmente, os ódios e as perseguições do pretérito obscuro, a fim de se transfundirem em solidariedade fraternal, com vistas ao futuro. "É nas dificuldades provadas em comum, nas dores e nas experiências recebidas na mesma estrada de evolução redentora, que se olvidam as amarguras do passado longínquo, transformando-se todos os sentimentos inferiores em expressões regeneradas e santificantes. Purificadas as afeições, acima dos laços do sangue, o sagrado instituto da família se perpetua no Infinito, através dos laços imperecíveis do Espírito. (9)

## Referências bibliográficas:

(1) Cf. Timóteo, capítulo 5, versículo 8.

(2) Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2006, cerca de 35% das famílias eram monoparentais - tinham só um dos responsáveis. Esse índice, há uma década, ficava em 23%. No mesmo período, o porcentual de uniões legais em que pelo menos um dos cônjuges é divorciado passou de 9% para 13%.

(3) Fonte: A voz da Serra em 14/08/2005 - disponível no site www.avozdaserra.com.br/colunas/ESPÍRITA.php> acesso 09-11-08

(4) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed.

FEB 2001, Questão 582

(5) Vieira, Waldo. Conduta Espírita. Ditado pelo Espírito André Luiz. 21a edição. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1998.

(6) Idem

(7) Xavier, Francisco Cândido. No Mundo Maior, ditado pelo espírito André Luiz - Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1947)

(8) Xavier, Francisco Cândido. Palavras de Emmanuel, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: FEB, 2002

(9) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador - ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: FEB, 2001

## A poligamia na visão espírita

Autoridades islâmicas da Nigéria estão ameaçando condenar à pena capital um homem casado com 86 mulheres, caso ele não dispense 82 delas em três dias, ficando apenas com quatro esposas. (1) Trata-se de Mohammed Bello Abubakar, ex-professor e pregador muçulmano de 84 anos, que tem 170 filhos com as suas esposas.

Estamos diante de um fato instigante: a Poligamia - palavra de origem grega que significa união conjugal de uma pessoa com várias outras, vivendo, simultaneamente, sob o mesmo teto. É um costume socialmente aceito em determinados países, cujas leis e religiões permitem esse tipo de união. No decorrer da história, a poligamia foi amplamente usada, tendo como principal causa a grande diferença numérica entre homens e mulheres ocasionada pelas guerras.

O Velho Testamento fala de um personagem como Jacó, que teve duas mulheres e treze filhos. Essa prole viria a dar origem às doze tribos de Israel. Quase todos os que consideramos os "ícones intocáveis", do Antigo Testamento, foram polígamos. Abraão, conhecido como o "pai da fé", teve um filho da escrava Agar, fato que ficou registrado devido ao problema da esterilidade da sua esposa. Moisés teve duas mulheres, David teve oito, mas o campeão neste assunto foi o rei Salomão com as suas setecentas mulheres e trezentas concubinas. É óbvio que a Bíblia se limita a consignar somente os casos que tiveram implicações na história de Israel, e a maior parte dos casos não foi registrada nos textos.

Paulo de Tarso não aceitava a poligamia e sobre isso atentemos para o que escreveu a Timóteo: "Convém, pois que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher, vigilante sóbrio." (2) e, mais adiante, o Convertido de "Damasco" redigiu a Tito, o seguinte: "Aquele que for irrepreensível, marido de

uma mulher, que tenha filhos fiéis (...)" (3). Maomé teve 16 casamentos simultâneos, por isso o Alcorão tolera a poligamia e permite, no máximo, quatro esposas.

Nos anos de 1830, o fundador da Igreja dos mórmons, Joseph Smith, falou pela primeira vez em casamento múltiplo com finalidade celestial. Apesar de a poligamia ser crime nos EUA, segundo dados revelados no ano passado (2007) pelas promotorias públicas de Utah e do Arizona, existem cerca de 40 mil pessoas vivendo em situação familiar de poligamia nos Estados Unidos.

Como se observa em tempos remotos, a poligamia era um costume natural. Nos dias atuais, o sensualismo e a libertinagem são recordações da poligamia dos tempos primitivos, mudando, apenas, a forma do cenário. Destarte, concebemos por poligamia o relacionamento sexual da pessoa (solteira ou casada), homem ou mulher, no afã de prazeres sexuais irresponsáveis, com variação de parceiro ou parceira.

"Cada Espírito detém consigo o seu íntimo santuário, erguido ao amor, e Espírito algum menoscabará o 'lugar sagrado' de outro Espírito, sem lesar a si mesmo. (...) Nesse sentido, Emmanuel cita que "conferir pretensa legitimidade às relações sexuais irresponsáveis seria tratar 'consciências', quais se fossem 'coisas', e, se as próprias coisas, na condição de objetos, reclamam respeito, que se dirá do acatamento devido à consciência de cada um?"(4)

Em verdade, não somente a juventude mergulha nos "subterrâneos do mundo livre" das relações sexuais, mas muitos adultos também estão vivendo o primitivismo da poligamia, quando resvalam para a prática das relações extraconjugais.

"Na prática do amor livre, há a poligamia, dizem os Espíritos em obra básica da Codificação: "e na poligamia, não há afeição real: há apenas sensualidade." (5) A rigor, segundo a Lei de Deus, ao danificarmos o altar interior do parceiro (a) saibamos que estamos destroçando a nós mesmos, através da consciência culpada.

Em sociedades mais tradicionais da África Subsaariana, por exemplo, a prática é comum - segundo o relatório Social and

ethical aspects of assisted conception in anglophone sub-Saharan África, da Organização Mundial de Saúde. O estudo da OMS afirma que, mais do que ser aceita, a poligamia é até mesmo incentivada entre os homens nesses lugares. (6)

Em que pese nosso respeito às outras culturas e crenças, nós espíritas concebemos que o "instinto sexual (...) a desvairar-se na poligamia, traça, para cada um, largo roteiro de aprendizagem a que não escaparemos pela matemática do destino que nós mesmos criamos." (7)

A poligamia é uma lei humana, cuja abolição marca um progresso social, segundo o Espiritismo, e o casamento, segundo as vistas de Deus, deve fundar-se na afeição dos seres que se unem. "Na poligamia não há verdadeira afeição, não há mais do que sensualidade. Se a poligamia estivesse de acordo com a lei natural deveria ser universal, o que, entretanto, seria materialmente impossível, em virtude da igualdade numérica dos sexos. A poligamia deve ser considerada como um uso ou uma legislação particular, apropriada a certos costumes e que o aperfeiçoamento social fará desaparecer pouco a pouco." (8) Até porque, através da poligamia, o espírito assinala, a si próprio, longa marcha em existências e mais existências sucessivas de reparação e aprendizagem, em cujo transcurso adquire a necessária disciplina do seu mundo emotivo.

Na busca incessante das sensações inferiores, as criaturas desinteressam-se pelos valores do sentimento, os quais são os únicos que poderão formar uma união ideal, que trará a paz, a alegria e a segurança relativas para a dupla de corações, que assinalam a vitória sobre as paixões passageiras.

À medida que a individualidade evolui, passa a compreender que a energia sexual "envolve o impositivo de discernimento e responsabilidade em sua aplicação, e que, por isso mesmo, deve estar controlada por valores morais que lhe garantam o emprego digno, seja na criação de formas físicas, asseguradora da família, ou na criação de obras beneméritas da sensibilidade e da cultura para a reprodução e extensão do progresso e da experiência, da beleza e do amor, na evolução e burilamento da vida no Planeta." (9)

A monogamia é o clima espontâneo do ser humano, de vez

que "dentro dela realiza, naturalmente, com a alma eleita de suas aspirações a união ideal do raciocínio e do sentimento, com a perfeita associação dos recursos ativos e passivos, na constituição do binário de forças, capaz de criar não apenas formas físicas, para a encarnação de outras almas na Terra, mas também as grandes obras do coração e da inteligência, suscitando a extensão da beleza e do amor, da sabedoria e da glória espiritual que vertem, constantes, da Criação Divina."(10)

Portanto, a ordem natural e inerente à espécie humana é, incontestavelmente, a monogamia, visto que, tendo por base a união constante dos cônjuges, permite que se estabeleça entre ambos uma estreita solidariedade, não só nas horas de regozijo como nos momentos difíceis e dolorosos.

Em suma, o casamento monogâmico é o instituto que melhor satisfaz aos planos do Criador, no que tange a preparar a família para uma convivência pacífica, alegre e fraterna, estados esses que hão de estender-se, no porvir, a toda prole mundial.

Referências bibliográficas:

(1) A maioria das autoridades islâmicas estabelece como correto que um homem pode ter até quatro mulheres, desde que demonstre ter condições de dar o mesmo tratamento a todas elas.

(2) Timóteo 3:2

(3) Tito 1:6

(4) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001

(5) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos. Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2000

(6) Relatório Anual de 2007 OMS

(7) Evolução em Dois Mundos, XVII, André Luiz/Chico Xavier/Waldo Vieira, FEB

(8) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos. Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2000

(9) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001

(10) Evolução em Dois Mundos, XVII, André Luiz/Chico Xavier/Waldo Vieira, FEB